

L A N

Z A R

O T E

E A S A

O E L

L E C

T O R

B L I

M U N

O A

T O M

O E

F E S

T A



Podíamos ficar a viver aqui, eu oferecia-me para lavar os barcos que vêm à doca, e tu, E eu, Tens com certeza um mester, um ofício, uma profissão, como agora se diz, Tenho, tive, terei se for preciso, mas quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou quando nela estiver, Não o sabes, Se não saís de ti, não chegas a saber quem és, O filósofo do rei, quando não tinha que fazer, ia sentar-se ao pé de mim, a ver-me passajar as peúgas dos pajens, e às vezes dava-lhe para filosofar, dizia que todo o homem é uma ilha, eu, como aquilo não era comigo, visto que sou mulher, não lhe dava importância, tu que achas, Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós, Se não saímos de nós próprios, queres tu dizer, Não é a mesma coisa.

O Conto da Ilha Desconhecida, José Saramago

04

**Encontrar
uma ilha**

Editorial

06

**Leituras
do mês**

Sara Figueiredo Costa

11

Estante

Andreia Brites
Sara Figueiredo Costa

14

Lanzarote

15

**A intuição
da ilha**

Pilar del Río

24

**Um súbito
pensamento**

José Saramago

31

**Saramago e Ca-
mões na ilha do
fim do mundo**

Federico Mengozzi

49

**Tom de Festa
2015**

Sara Figueiredo Costa

64

**Casa del
Lector**

Andreia Brites

78

Dicionário

79

Espelho Meu

Andreia Brites

81

**Notas
de Rodapé**

Andreia Brites

82

**Carlos Reis,
Diálogos com
José Saramago**

Ricardo Viel

93

Agenda

Encontrar uma ilha

«Digamos, para não dramatizar as coisas, que Lanzarote apareceu quando eu mais precisava de um lugar assim», disse José Saramago em 1993, numa entrevista feita meses depois de o escritor português se mudar para a ilha das Canárias. A história é conhecida. Depois do episódio de censura ao *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, em 1992, a vida de José Saramago tornou-se difícil em Lisboa. Sentia-se afogado pelo ambiente criado após o veto ao livro. Com a mulher, começou a procurar outro lugar para viver. Foi nessa altura que conheceram Lanzarote.

A vida numa ilha vulcânica quase sem vegetação, onde o vento constante e o mar são muitas vezes a única companhia, teve papel fundamental na produção literária do autor d'*A Jangada de Pedra*. «Talvez o facto de viver em Lanzarote tenha influenciado o estilo da minha escrita, que se tornou mais austero, disciplinado e, por isso, talvez mais profundo. É como se, ao simplificar a escrita, me permitisse avançar mais para dentro», disse em 1998, dias depois de ser nomeado Prémio Nobel de Literatura. «É claro que a ilha que Pilar e eu escolhemos para viver tem responsabilidade nisso tudo», concluiu.

José Saramago viveu 17 anos na ínsula espanhola vizinha de África. «Lanzarote não é a minha terra, mas já é terra minha», disse certa vez. Na nova casa, além de escrever mais de uma dezena de livros, subiu vulcões, passeou com os cães, fez uma biblioteca, sentou-se no jardim para ver o dia terminar. Enfim, foi feliz. A paz e a tranquilidade da vida naquela jangada de pedra só eram quebradas pelas visitas que recebia. Orgulhoso, José Saramago mostrou a sua ilha a Susan Sontag, Sebastião Salgado, Carlos Fuentes, María Kodama, Bernardo Bertolucci, entre outros. Nos *Cadernos de Lanzarote* relata muitas dessas visitas. Uma delas, a da agente e crítica literária alemã Ray-Güde Mertin (também já desaparecida), é uma boa síntese do deslumbramento que o passeio costumava provocar nos amigos. «Toda a família partiu contente. E Ray disse-me à despedida: "Nunca mais te perguntarei por que vives em Lanzarote... Levo de cá as respostas todas."»

Em *O Conto da Ilha Desconhecida* José Saramago narra a história de um homem que bate à porta do rei para lhe pedir um barco. «E tu para que queres um barco», perguntou o monarca. «Para ir à procura da ilha desconhecida», responde o homem. A fábula foi escrita em 1998, cinco anos depois de o escritor ter encontrado a sua ilha.

Blimunda 39

agosto 2015

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners

FOTOGRAFIAS

Jorge Silva



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons

Segunda a Sábado
Monday to Saturday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm

COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses 25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746, 759, 774,
781, 782, 783, 794



ONDE ESTAMOS

WHERE TO FIND US

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
THE JOSÉ
SARAMAGO
FOUNDATION
CASA DOS
BICOS

Graneña

Ana Hatherly Homenagem

Ana Hatherly morreu no passado dia 5 de Agosto e o *Público* assinalou a sua morte com um dossier dedicado à vida e à obra da autora, cujo trabalho se espalhou pela literatura, pelas artes plásticas, pelo cinema e pelos modos de cruzar todas estas linguagens. Num dos textos, assinado pelos jornalistas Luís Miguel Queirós e Vanessa Rato, lê-se: «Em 2007, numa entrevista ao poeta brasileiro Horácio Costa, que lhe pede que comente o seu então iminente “cinquentenário poético”, Ana Hatherly diz estar convencida de que “não irá haver comemoração nenhuma”, porque “os portugueses costumam celebrar os seus artistas só depois de eles terem morrido, e às vezes nem assim”. E se há poeta português da segunda metade do século XX que se pode queixar de não ter tido o reconhecimento consensual que mereceria é bem Ana Hatherly, prejudicada pelo seu pioneirismo e pela sua própria versatilidade. Uma multiplicidade que nunca



ameaçou a coesão da sua obra. O poeta e ensaísta Manuel Portela lembra que “o trabalho de Ana Hatherly vai em muitas direcções, da literatura às artes plásticas, à performance e ao cinema”, mas observa também que “toda a sua obra plástica é muito construída a partir da escrita”, e que “mesmo nas suas colagens, desenhos ou gouaches, a escrita nunca está completamente ausente”.» Para além do texto citado, um bom perfil biográfico e artístico de Ana Hatherly, o dossier inclui textos de Manuel Portela, Luísa Soares de Oliveira e Valter Hugo Mãe.



Herta Müller A Armadilha Biográfica

A propósito da edição espanhola dos três ensaios resultantes das conferências sobre poesia que deu na Universidade de Bonn, em 1995, a escritora Herta Müller dá uma entrevista ao *El País*. Para além dos autores aos

quais dedicou a sua análise nas referidas conferências, a autora fala sobre a infância e a memória, e o modo como a biografia não deixa de ser uma armadilha da qual é difícil fugir: «Sabes que eres presa de tu vida, también de tu biografía, que hay hechos que no se pueden cambiar, que existen y ya existían antes de tu nacimiento. Te los ponen delante y crecen en tu cabeza y ahí tú no haces nada. Por ejemplo, que mi padre estaba en las SS, ahí no puedo hacer nada de nada; es una realidad que ya existía antes de nacer yo. Sin embargo, la tengo que asumir y saber qué significa dentro de un gran marco histórico que abarca prácticamente medio mundo. Por desgracia, pues esos estuvieron casi en todas partes. Tantas veces he tenido la sensación, cuando llegaba a un sitio: él ya estuvo aquí. En todos los lugares donde los nacionalsocialistas estuvieron y destrozaron todo, mataron a la gente, siempre pensaba: mi padre, mi padre. No puedo abstraerme de ello, ¿cómo podría desentenderme de algo así? Y eso no sólo me ocurre en Israel,

me pasa en Polonia, en los países escandinavos, en Francia, en casi toda Europa. Supuestamente todo eso es historia. [Suspira y hace una pausa]. No importa de qué estemos hablando, siempre hablamos de historia o desde dentro de la historia. Siempre nos encontramos dentro de la historia, de ahí no salimos, nos pongamos donde nos pongamos.»



Paulo Scott Leitores sem livros

No blog da editora brasileira Companhia das Letras, o escritor Paulo Scott disserta sobre o fenómeno da literatura enquanto espetáculo social, prossequindo a sua reflexão com propostas da produção literária contemporânea que poderão merecer algum tipo de posteridade para além da novidade momentânea que parece animar o mercado editorial: «Lembro, por conta disso, da situação aquela do

sujeito que se aproxima do autor em alguma festividade literária e, descuidado, projeta um empolgadíssimo (e inusitado) “sou seu fã desde sempre, fã número um”, recebendo como resposta um “obrigado, mas, então, me diga aí: qual dos meus livros você leu?” e replicando, o dito fã, despeja um “eu te sigo no Twitter, leio o que você posta” ou “leio os seus textões no Facebook” ou “leio a sua coluna” ou até um “leio de vez em quando o seu blog”. Não me agrada tietagem literária, tietagem vazia, casuística, a que adquire o livro, mas não lê o livro (e não se abala ao lidar com o fato de que jamais lerá o livro). Não vou entrar em detalhes, sobretudo por saber que estamos longe, eternamente longe, dos mundos ideais, apenas vou registrar: o universo literário brasileiro contemporâneo precisa de leitores, leitores de verdade, não de tietes. E isso, até onde eu sei, se consegue com educação fundamental de qualidade, educação de verdade.»



Leonardo da Vinci Rio perde livreria icónica

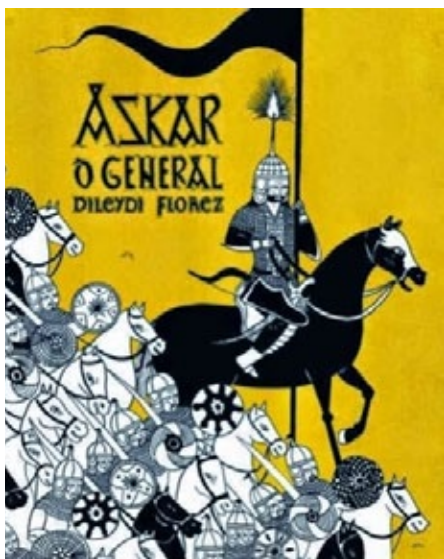
A Livreria Leonardo Da Vinci, um dos ícones culturais do Rio de Janeiro, com direito a poema dedicado por Carlos Drummond de Andrade, anunciou o encerramento da sua atividade. O motivo é o mesmo que vai encerrando livrerias independentes um pouco por toda a parte: impossibilidade de competir com os gigantes do mercado editorial e livreiro, cujas regras praticadas não são as mesmas. No jornal *Opção*, Euler de França Belém assina uma crónica sobre o fecho da Leonardo Da Vinci, lamentando a perda que a cidade sofrerá: «A Livreria Leonardo da Vinci torna o Rio de Janeiro mais Rio — mais humano, vivo e delicado — há 63 anos. Criada pelo romeno Andrei Duchiade, em 1952, a livreria vai queimar seu estoque de 100 mil exemplares a partir de segunda-feira, 1.º, pois vai fechar as portas. A proprietária Milena Duchiade disse aos repórteres Mateus Campos e

Maurício Meireles, de *O Globo*, que não é mais possível operar no vermelho. Duas de suas quatro salas no Edifício Marquês de Herval, na Avenida Rio Branco, já estão desocupadas.» No mesmo texto, a proprietária da livreria desabafa: «Teimosia tem limite. Nosso modelo de negócio é inviável. Nós estamos sendo punidos por nossas qualidades. Nossas virtudes tornaram-se defeitos. Não temos um café, não vendemos papelaria, nem informática. Vendemos pouca autoajuda e poucos best sellers. Temos um nicho, muito específico, que está sob pressão», diz Milena Duchiade. Segundo *O Globo*, citando a livreira, «o modelo de negócios, baseado em fidelização da clientela, títulos especializados e, por conta disso, em um ritmo lento de vendas, esgotou-se de vez com o protagonismo de lojas virtuais e megalivrerias».



Azkar, o General Dileydi Florez Chili Com Carne

O predestinado

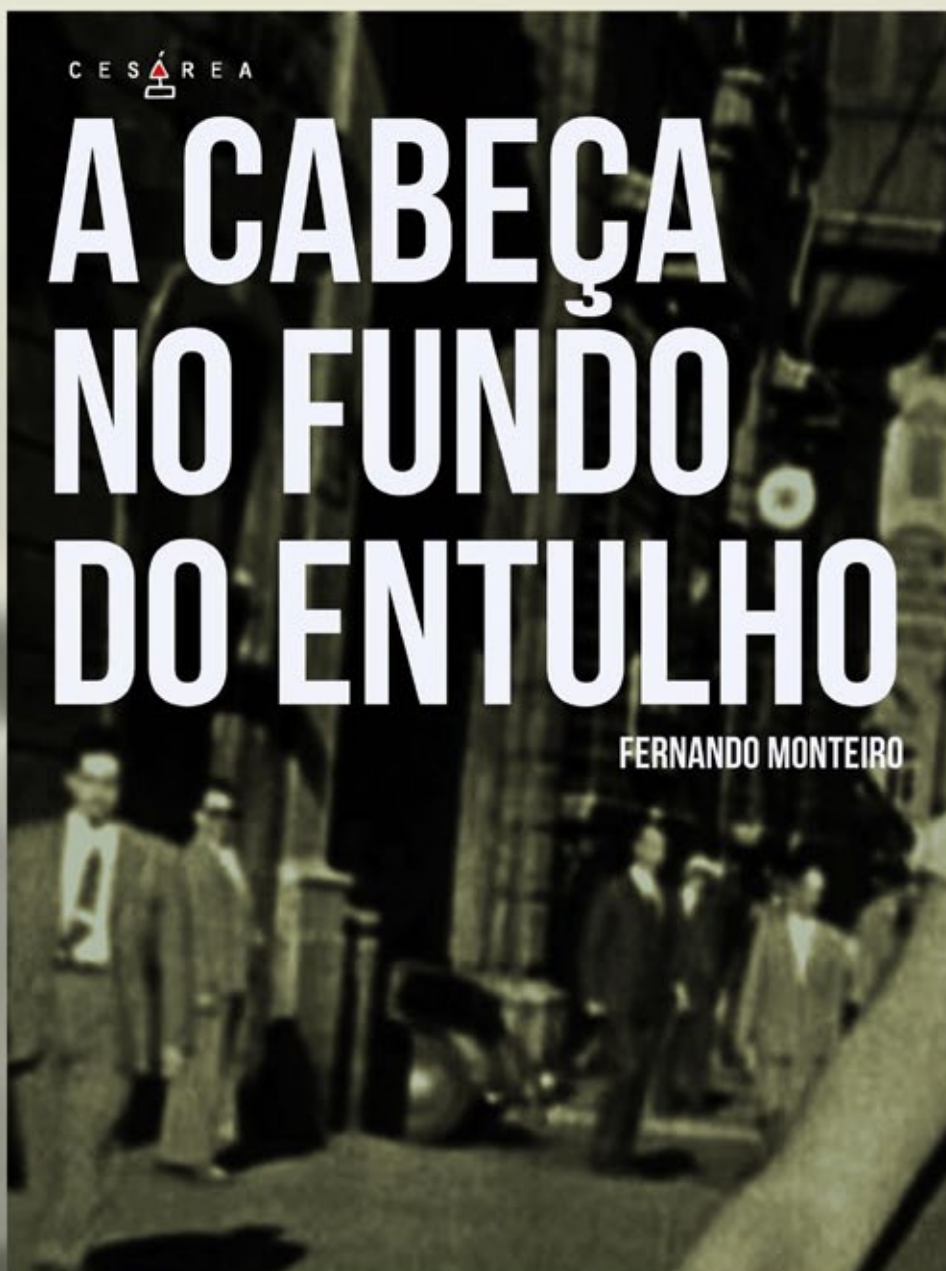


A edição deste livro fica a dever-se a um concurso, e a um concurso perdido. A associação Chili Com Carne, igualmente editora de banda desenhada, lançou um concurso intitulado «Toma Lá 500 Paus e Faz Uma BD!». O vencedor teria o seu livro publicado e um adiantamento de quinhentos euros para poder dedicar-se à tarefa de concluir a obra com algumas condições. Dileydi Florez, ilustradora e autora de banda desenhada nascida na Colômbia e radicada em Lisboa, não venceu o concurso (que distinguiu Francisco Sousa Lobo, e o livro *O Desenhador Defunto*), mas a editora gostou tanto deste trabalho que decidiu publicá-lo também.

Azkar, o General é uma narrativa sobre o poder e as suas armadilhas, um exercício onde a relação entre texto e imagem é profunda e solidamente construída, de tal modo que a sucessão de movimentos e posturas de cada vinheta compõe parte considerável da linha temporal que aqui se desenrola. O traço de Dileydi Florez é visivelmente devedor de certa iconografia associada ao Médio Oriente, das

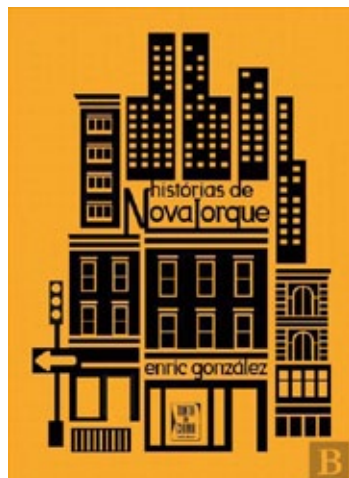
tapeçarias persas aos frescos de Constantinopla, e tira partido dessa iconografia assumindo-lhe algumas características definidoras (os rostos quase retilíneos, emoldurados pelos elmos de guerra, os fundos compostos por traços ou pontos ondulantes que, em conjunto, criam texturas onde apenas o preto e branco se assoma, a composição de personagens entre o frontal e o perfilado, dando a ver a magistralidade da sua postura) para com elas encenar o espaço, o tempo e o modo de Azkar. Filho do IV Rei da Pérsia, Azkar é um general talhado para a arte da guerra, mas tentado, num determinado momento, pelo poder que sempre viu depositado no seu pai. Destronando o rei, ocupa-lhe o trono, iniciando nesse momento uma caminhada sangrenta que o levará a frequentar abismos muito mais sombrios do que pensou poder suportar. Em pranchas que tiram o melhor partido dos jogos de simetria, da repetição de elementos iconográficos e de uma composição majestosa (mesmo quando o contraste entre os elementos e o fundo parece

pedir um pouco mais de distinção), Florez narra o percurso de Azkar na primeira pessoa, refletindo sobre o desconforto que o poder gera num homem que foi talhado para a guerra, e apenas para isso. Não se trata de uma narrativa moralista sobre o perigo de o poder corromper, mas de uma história que, com frases curtas e atravessadas pela frieza factual e imagens que remetem para o universo iconográfico já referido, propõe uma leitura intemporal sobre o poder. Aprofundando um pouco mais a leitura, é difícil não encarar a dureza moral que a narrativa de Florez propõe ao assumir que alguém ensinado a guerrear não saberá viver de outro modo. E apesar da referência final a uma espécie de caminho do guerreiro, algo comum a várias tradições orientais (e igualmente europeias, se nos reportarmos à Idade Média e aos ideais de cavalaria), o que fica de *Azkar, o General* é esse sabor amargo a destino imutável, tão alheio a tentações de grandeza como a ilusões de fuga.



**UMA ESPIONAGEM CANASTRONA
POR UMA ROMA QUE NÃO
SUSTENTA MAIS SUA LENDA, UM
PRÊMIO NOBEL PELOS SUBÚRBIOS
DO RECIFE... UM UNIVERSO EM
DESCONSTRUÇÃO NESSE
SEGUNDO ROMANCE DE
FERNANDO MONTEIRO, QUE
GANHOU PRÊMIO BRAVO DE
LITERATURA DE 1999.**

CESAREA.COM.BR



Histórias de Nova Iorque

Enric González
Tinta da China

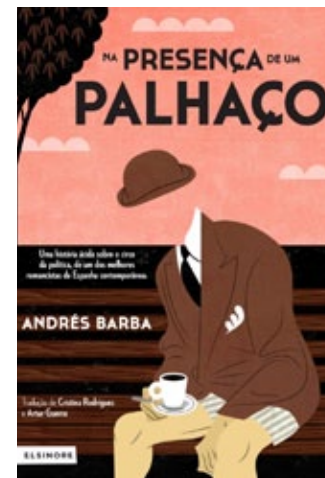
Depois das *Histórias de Londres* e das *Histórias de Roma*, a Tinta da China traz Enric González de regresso com este volume dedicado a Nova Iorque. Vivendo na cidade como correspondente do *El País*, o jornalista colecionou episódios, informações e curiosidades sobre a cidade que nunca dorme e onde, ao que parece, «os táxis são pedaços de história viva e merecem tanto respeito como as ruínas da Acrópole».



Rimas Salgadas

Miguel Horta
Grácio Editor

São episódios marítimos, uns mais animistas, outros mais científicos, os que Miguel Horta verte nestes poemas. De tom oralizante, ecoa em cada um uma história ouvida, acrescentada, alterada, em ritmo balanceado de canção ou lengalenga. Há corridas de peixes, dúvidas existenciais infantis, momentos de amor e de predação, sempre acompanhados por retratos detalhados dos protagonistas. Este livro fecha a trilogia que o autor dedicou ao mar e que teve início com *Pinok e Baleote*.



A Presença de um Palhaço

Andrés Barbas
Elsinore

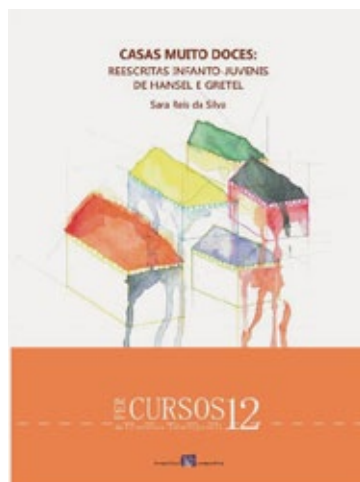
Romance de um dos grandes nomes da literatura espanhola contemporânea, *A Presença de um Palhaço* reflete sobre a sociedade atual, a assunção da política como circo – e não como o modo de nos organizarmos em comunidade –, a identidade e a memória, enquanto narra magistralmente as deambulações de Marcos em busca de si próprio.



A Capital da Vertigem

Roberto Pompeu de Toledo
Objetiva

Depois de um volume dedicado à São Paulo dos primórdios, desde as suas origens até cerca de 1900, o autor regressa à cidade para revelar os seus contornos e mutações ao longo da primeira metade do século XX. A industrialização, a paulatina mudança de vila para grande metrópole e a agitação artística e cultural que acompanhou todas estas mudanças estão no centro do novo livro de Pompeu Toledo.



Casas muito doces, rescritas infantojuvenis de Hansel e Gretel

**Sara Reis da Silva
Tropelias & companhia**

Depois do estudo sobre o conto do capuchinho vermelho, a investigadora apresenta agora uma leitura comparativa de muitas recriações e adaptações do conto Hansel e Gretel, originalmente fixado pelos irmãos Grimm. Para além de uma resenha histórica sobre a recetividade portuguesa, a Intertextualidade está na base do ensaio e da análise de adaptações, versões e recriações em várias línguas e de momentos distintos.



Na Margem

**Rafael Chirbes
Assírio & Alvim**

Vencedor de vários prémios literários relevantes no panorama espanhol, *Na Margem* confirma a importância de não perder de vista o trabalho literário de Rafael Chirbes. A partir da descoberta de um cadáver nas águas de um pântano, desenrola-se uma trama que faz da vida das personagens um retrato amargo da vida contemporânea de tantos países mediterrânicos, entre a crise financeira e a falta de alternativas.



O Árabe do Futuro

**Riad Sattouf
Teorema**

Primeiro volume de uma banda desenhada onde o autor, num registo marcado pela autobiografia, recupera a sua infância entre a Líbia e a Síria, fazendo da vida do seu pai um pretexto para refletir sobre as mudanças que se registaram no mundo árabe entre 1974 e 1984. O filão de livros com temática semelhante é grande, e nem sempre produz obras-primas, mas é interessante verificar que o mercado português parece, finalmente, interessado pela banda desenhada que se vai fazendo.



Ana de Castro Osório, a mulher que votou na literatura

**Carla Maia de Almeida
e Marta Monteiro
Pato Lógico, INCM**

Título da coleção Grandes Vidas Portuguesas, dedicado a Ana de Castro Osório. Carla Maia de Almeida traça o perfil de uma mulher progressista nas suas facetas política e literária, sem esquecer alguns valores paradoxalmente racistas, sempre enquadrados no contexto social da ditadura salazarista. Marta Monteiro retrata a época, nas cores simbólicas da bandeira nacional. O tom não é jubilatório nem simplista, conseguindo um equilíbrio entre a informação e a proximidade com o leitor.

GRANTA

PORTUGAL | 5

Falhar melhor

GRANTA 5 | Falhar melhor

DIRECÇÃO DE CARLOS VAZ MARQUES | MAIO DE 2015

«Falhar melhor. O temperamento de cada um ditará se há na expressão de Beckett pessimismo, optimismo ou resignação. Ela é de tal modo poderosa, que corre o risco de vir a banalizar-se. Talvez já esteja à beira do lugar-comum. Dá bons títulos. [...]

O desafio lançado aos autores que fazem este número está contido na brecha aberta entre o optimismo e o pessimismo, entre a ideia de falhar e a perspectiva de aperfeiçoamento. Um salto sem rede.» —CVM

TEXTOS

Bruno Vieira Amaral, Rui Ângelo Araújo, Joana Bértholo, Cláudia Clemente, Jonathan Franzen, Paulo Varela Gomes, Howard Jacobson, Pedro Mexia, Herta Müller, Jacinto Lucas Pires, Simon Schama, Gore Vidal

ENSAIO FOTOGRÁFICO

Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot

ILUSTRAÇÕES

Catarina Sobral

CAPA

Jorge Colombo

Receba 4 números da GRANTA com 25% de desconto.

Portugal: 54€ | Europa: 74€ | Resto do mundo: 86€

quarto
room
sonhatório
multimedia
biblioteca
library
restaurante
restaurant
loja shop



CASA FERNANDO PESSOA
www.casafernandopessoa.pt



10h00-18h00
Última entrada
Last admission
17h30
Encerrado | Closed
Domingos | Sundays
1.01 / 1.05 / 25.12



**Rua Coelho
da Rocha,
16**
Campo de
Ourique,
Lisboa



21 391 3270



10h - 23h
Encerrado | Closed
Domingo | Sunday



25 | 28 5min



Rato 15min



709 | 720 | 738 5min



EGEAC

LANZAA

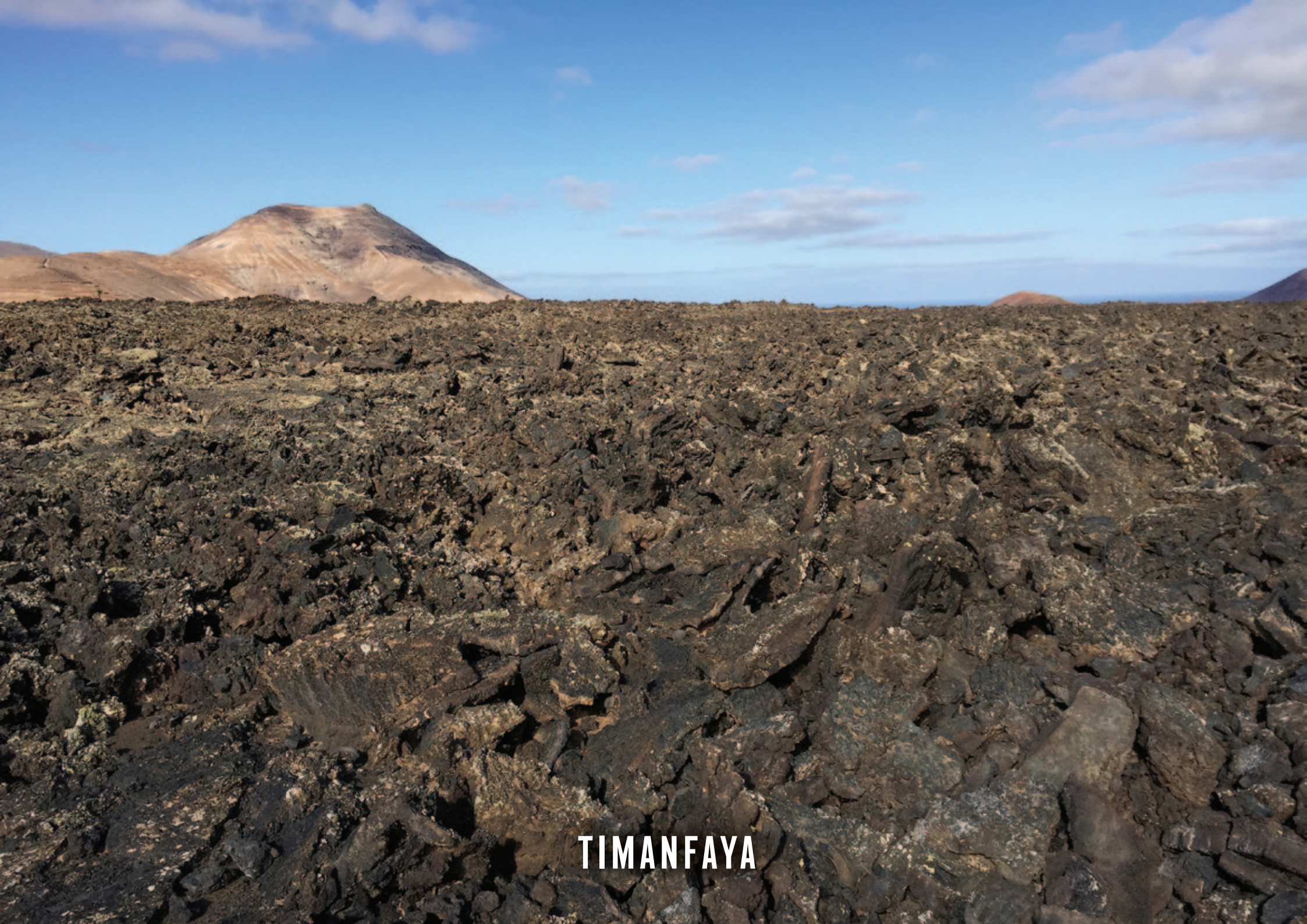
ROTE

Não é a minha terra, mas é terra minha

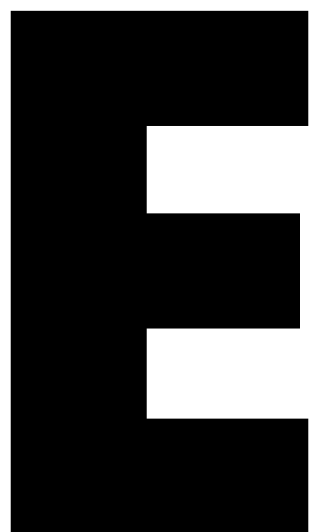
A intuição da ilha

Pilar del Río

fotografias de Jorge Silva



TIMANFAYA



M 1986 José Saramago intuiu a importância da ilha, por isso escreveu *A Jangada de Pedra*. Ainda não sabia que acabaria por fazer casa no meio do oceano, em Lanzarote, mas algo se agitava de tal modo no seu íntimo que quando visitou Lanzarote pela primeira vez, em 1991, várias pessoas o ouviram dizer «esta ilha pode ter importância na minha vida». Teve-a.

José Saramago nunca se exilou de Portugal, ao contrário do que às vezes se escreve. Afastou-se, sim, de uma forma de governação incompatível com a sua sensibilidade, mas não dos seus amigos e leitores. Também se afastou daquilo a que chamava «ruído social», tão incompatível com o trabalho de esquadriñar o interior humano, isso que não tem nome e que é o que somos, cada um de nós, como deixou dito com palavras mais belas em *Ensaio sobre a Cegueira*, o primeiro livro que escreveu em Lanzarote. A ilha é o lugar adequado para se embarcar na aventura íntima de um encontro consigo próprio e, talvez, com o outro. Pode igualmente ser, se assim se decidir, um observatório privilegiado dos desconcertos do mundo e um porto de abrigo de todos os naufragos, com os seus desesperos e anseios. A dimensão da ilha mítica parece-se muito com a Lanzarote que José Saramago construiu ao escrever vivendo.

Se é verdade que as nossas ações são origem de algo, não é menos verdade que são também consequência de outras ações. O facto de José Saramago ter chegado a Lanzarote pode ter sido consequência de antes ter feito da Península Ibérica uma ilha de pedra capaz de se aproximar de outras ilhas, ainda que maiores, como o são a África e a América. E quem diz ilhas, diz pessoas: tantos amigos no mundo talvez sejam consequência das viagens literárias na sua jangada particular. E sabemos, claro, que as ilhas que navegam são também livres para rodar sobre o seu próprio eixo e atrair, atrair interminavelmente, os leitores e os seus sonhos.



TIMANFAYA

José Saramago não teve dificuldades nem dúvidas em mudar-se para Lanzarote, porque antes da mudança já amava a sua paisagem e o seu silêncio de pedra vulcânica. Em menos de 24 horas, quando retumbava o ruído provocado pela censura do governo de Cavaco Silva, aceitou a sugestão para viver na ilha e seis meses depois já tinha em Lanzarote uma casa «feita de livros», como diria mais tarde, construída por Javier Pérez de acordo com a forma de estar na vida que o escritor queria para ele e para os outros. É uma casa que propicia encontros e deixa passar a luz que alimenta o ofício de trevas que é escrever.

A vida de José Saramago em Lanzarote não tinha mistério: madrugar, escrever, passear entre vulcões, ler, sentar-se no jardim pela tarde, fazer festas aos seus cães – Pepe, Greta e Camões –, conversar com quem estava por perto. Pode parecer uma rotina sensaborona, mas desta normalidade simples nasceram *Ensaio sobre a Cegueira*, *Todos os Nomes*, *A Caverna*, *O Homem Duplicado*, *As Intermittências da Morte*, *Ensaio sobre a Lucidez*, *A Viagem do Elefante*, *Caim*, *Albardas*, para além dos *Cadernos*, de *As Pequenas Memórias*, conferências, ensaios, artigos para jornais e uma correspondência imparável que chegava pelas mais diversas vias. Não é necessário ser um bom observador para perceber que a aparência tranquila encerrava vulcões que fluíam e fluem em literatura magnífica, humaníssima compenetração nos outros.

A Lanzarote também chegavam amigos, e a cozinha-sala de refeições de «A Casa» converteu-se num lugar de encontro. Cinco anos depois do último dia de José Saramago esta divisão continua a acolher tertúlias diárias daqueles que visitam a casa do escritor e acariciam os livros como se fossem pessoas.



TIMANFAYA



MONTAÑAS DEL FUEGO, TIMANFAYA

Da janela da sua casa José Saramago vê outra ilha, Fuerteventura, o local que recebeu Miguel de Unamuno quando foi desterrado e despojado da sua cátedra. Saramago foi visitar o memorial de Unamuno em Fuerteventura, e ali se encontrou com uns jovens bascos que lhe levavam flores. Conservar a memória dos que se recordam é uma obrigação. Saramago emocionou-se com os jovens, as flores e Unamuno e contou-o nos *Cadernos de Lanzarote*.

Às vezes José Saramago subia montanhas, mas na paisagem rara de La Geria, meias luas de pedra abrigando as vinhas que em breve darão o vinho de Malvasía, o bom vinho branco de Lanzarote, acometia-o a paz do trabalho bem feito.

Filho predileto de Lanzarote, Filho predileto de Tías, o seu título preferido era o de poder dizer de Lanzarote que, se não era a sua terra, era sim terra sua. Em Lanzarote sentiu a nostalgia de cada dia que acabava.

A sua biblioteca permanece em Lanzarote. Da sua casa, diariamente alguém olha o mar e acaricia as árvores do seu jardim porque há gestos que não se podem perder.



EL GOLFO

Um súbito pensamento

José Saramago

fotografias de Jorge Silva

Um súbito pensamento: será Lanzarote, nesta altura da vida, a Azinhaga recuperada? As minhas deambulações inquietas pelos caminhos da ilha, com o seu quê de obsessivo, não serão repetições daquela ansiosa procura (de quê?) que me levava a percorrer por dentro as marachas do Almonda, os olivais desertos e silenciosos ao entardecer, o labirinto do Paul de Boquilobo?

Caderno I

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote? A vida, esta vida que, inapelavelmente, pétala a pétala, vai desfolhando o tempo, parece, nestes dias, ter parado no bem-me-quer...

[...]

Subi ontem a Montaña Blanca. O alpinista do conto tinha razão: não há nenhum motivo sério para subir às montanhas, salvo o facto de elas estarem ali. Desde que nos instalámos em Lanzarote que eu andava a dizer a Pilar que havia de subir todos estes montes que temos por trás da casa, e ontem, para começar, fui-me atrever com o mais alto deles (...) Lembro-me de haver pensado, enquanto subia: «Se caio e aqui me mato, acabou-se, não farei mais livros.» Não liguei ao aviso. A única coisa realmente importante que tinha para fazer naquele momento, era chegar lá acima.

Volcan

La Meseta

[...]

Regresso a Lanzarote. A impressão, intensíssima, de estar a voltar a casa.

Caderno II

Do alto do Mirador del Río, com o último sol turvado pela bruma seca aqui denominada calima, como se o céu estivesse peneirando sobre Lanzarote uma ténue cinza branca, olhamos — Luciana, Rita e eu — a ilha da Graciosa, com os seus três montes quase arrasados pela erosão, restos de vulcões antigos, o pequeno porto de pesca, a Caleta do Sebo, a secura absoluta de uma terra espremida pelo vento, calcinada por dentro e por fora.

[...]

Em Paris (...) Pensei em Lanzarote, onde a gente é escassa, onde os livros só há pouco deixaram de ser raridade, onde as manifestações culturais importantes se contam ao ano pelos dedos, pergunto-me como é possível viver lá sem sentir a falta destas maravilhas (ou as de Lisboa, na proporção...), e penso que está bem assim, que de todo o modo nunca poderia ler tudo, ver tudo, que um dos meus pequenos vulcões levou mais tempo a fazer-se que o Arco do Triunfo e que o vale de Guinate não fica a dever nada aos Campos Elísios...

[...]

Embora não creia no destino, pergunto-me se ao escrever a minha *Jangada de Pedra*, a outra, não estaria já buscando, sem o saber, a rota que sete anos depois me havia de levar a Lanzarote.

Caderno III

Lanzarote não é sempre o paraíso. Ontem amanhecemos com o céu tapado pela calima, um ar espesso e soturno que transporta para aqui, por cima de cem quilómetros de oceano, a poeira do Sara, e nos põe à beira da sufocação. O avião que veio de Madrid e a Madrid deveria levar-nos foi, por prudência, desviado para Las Palmas. Durante seis

Volcan

Emache

horas esperámos no aeroporto que o tempo aclarasse, que outro avião estivesse disponível, que outra tripulação se apiedasse dos frustrados viajantes. Perdemos o voo de ligação com Lisboa, tivemos de dormir em Madrid.

Caderno IV

Tinha pensado que Sebastião Salgado seria pouco sensível às lavas e vulcões de Timanfaya (os olhos dele já viram tudo...), mas enganei-me. «Estou assombrado», disse, e a expressão do rosto confirmava as palavras.

[...]

Mais curioso ainda é o sentimento de responsabilidade que me leva a desejar que o visitante só leve de cá boas recordações, isto é, que, dia e noite, o tempo, o céu, o mar e a paisagem tenham estado perfeitos, que o vento não tenha soprado demasiado, que nenhum turista distraído ou mal-educado tenha atirado ao caminho uma lata de coca-cola ou um invólucro de cigarros vazio, que nenhum residente — canário, peninsular ou estrangeiro — tenha infringido o código não escrito que o manda comportar-se como exemplo de civismo quotidiano, que para isso, acho eu, é que temos o privilégio sem preço de viver neste lugar.

[...]

Caderno V

Eis-me, oficialmente, filho adotivo de Lanzarote. A festa foi no auditório dos Jameos del Agua, entre os amigos que tenho cá e alguns que vieram de longe — a escritora Josefina Molina, Amaya Elezcano, minha editora em Alfaguara, as sempiternas Carmélia e Maria do Céu —, mas também muitas outras pessoas residentes a quem mal conheço e que acharam que não perdiam o seu tempo assistindo ao ato de homenagem com que a sua ilha decidira agasalhar o escritor português que a ela veio para viver.

Volcan

Glama

Saramago e Camões na ilha do fim do mundo Federico Mengozzi

LANZAROTE SARAMAGO E CAMÕES NA ILHA DO FIM DO MUNDO

Em outubro de 1997 chegava às bancas do Brasil o primeiro número da revista *Bravo!*. A publicação, que surgia com o objetivo de «aproximar o cidadão da cultura», trazia entre os destaques daquela edição inaugural uma entrevista que o jornalista e crítico literário Federico Mengozzi fez a José Saramago, em Lanzarote.

Em agosto de 2013, por dificuldades financeiras, a *Bravo!* foi encerrada.

Coincidentemente, a capa da última edição da revista foi dedicada a José Saramago, com destaque para a chegada ao Brasil do ensaio *Da Estátua à Pedra*. Mengozzi não participou dessa edição derradeira da revista. Morreu em 2007, aos 55 anos, vítima de enfarte. A título de homenagem, a *Blimunda* recupera o texto publicado no número 1 da revista *Bravo!* em que o jornalista brasileiro, além de conversar com o futuro Prémio Nobel de Literatura, descreve com delicadeza a ilha de Lanzarote.

O refúgio de um dos maiores escritores contemporâneos, que está lançando novo livro, é feito de lava, solidão e de um tempo medido em milhões de anos

Camões! Camões, venha cá! Camões, saia daí!» Em nenhuma outra parte do mundo se ouve tanto o nome do autor de *Os Lusíadas* quanto na casa de outro festejado escritor português, José Saramago. Na verdade, os gritos invocam o xará de Camões, um vira-lata, personagem marcante da casa onde o autor de clássicos contemporâneos, como *Memorial do Convento*, *A Jangada de Pedra*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e do novíssimo *Todos os Nomes*, vive com a mulher, a espanhola Pilar del Río, na ilha de Lanzarote, arquipélago das Canárias. Antes que se pense em deboche, Saramago conta que o agitado vira-lata chegou à sua casa no dia em que soube ser o escolhido para receber o Prémio Camões de 1995, a mais importante distinção literária da língua portuguesa. Foi Pilar quem viu no nome do prêmio o nome ideal para o cão (que em sua pronúncia andaluza vira «Camóens»). Assim, sem pedir licença, Camões passou a ocupar um lugar entre as preocupações do casal e a dividir o osso com os outros cachorros da casa, a fêmea Greta e Pepe, o outro macho.

Volcan

Tahuche

Quem só visse de Lanzarote, a mais oriental das ilhas Canárias, a casa onde José Saramago vive há quase cinco anos, teria uma perfeita idéia do que é, em essência, a ilha. A Casa, nome que muito lusitanamente colocou na construção branca, de dois andares, projetada pelo arquiteto Javier Pérez-Figares (que, com sua mulher María, irmã de Pilar, ocupa um dos andares), tem formas sóbrias, quase monásticas. Dentro, por vãos no teto, o sol intenso do arquipélago inunda o hall e o escritório em que o escritor constrói mundos e conta histórias, esparramando-se no piso de pedra vulcânica talhada. Fora, a área circundante é forrada de lava avermelhada triturada, revestimento que raras plantas teimam enfrentar, para sobreviver timidamente. No lado exterior da casa, manchas horizontais lembram a marcha cotidiana dos rebanhos de cabras, que roçam no muro a caminho do pasto. De um lado, as montanhas; do outro, o mar – «desta casa, tive os poentes mais extraordinários que vi numa vida longa como a minha», revela Saramago, 75 anos em novembro.

Lanzarote e Saramago se encontraram pela primeira vez no verão de 1990. A irmã de Pilar morava na ilha havia mais de uma década, e Saramago aproveitou um ciclo de conferências nas Canárias para, em companhia da mulher, visitá-la. Ficou só um dia, mas voltou encantado. No Natal do ano seguinte, retornaram para um período maior. Em 1992, procurava uma casinha fora de Lisboa para fugir ao assédio quando soube que *O Evangelho segundo Jesus Cristo* fora impedido pelo governo português de concorrer ao Prémio Literário Europeu, organizado pela Comunidade Européia. A discussão sobre o livro, considerado iconoclasta, chegou ao Parlamento, e ele mergulhou numa tristeza infinita. Então, Pilar ousou: «E se fizéssemos uma casa em Lanzarote?» A reação foi tipicamente masculina: «Disparate! Viver em Lanzarote nesta altura da vida?» Mas, numa atitude também muito masculina, um dia depois estava a dizer: «Talvez não seja má idéia.» Em menos de um ano, A Casa estava pronta. Erguida na terra seca do município de Tías, em Los Topes, 3, é sua primeira propriedade.

Volcan
Ternusa

REINO MINERAL. Em Lanzarote, apenas o que é essencial – essencial como uma pedra, à maneira do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto – importa. Quem desce do avião e, do aeroporto de Arrecife, a capital, dirige-se a um dos modernos balneários da costa, fatalmente se pergunta: «Onde foram parar os arbustos, as árvores? Mas é tudo cascalho, pedra, aridez? Cadê a natureza dócil que se imagina em uma ilha situada na mesma latitude em que a Flórida? As pessoas, onde estão as pessoas?» Saramago não se abala diante de expectativas que serão frustradas e explica as razões de seu fascínio pela ilha: «Ao olhar esses vulcões, certas pessoas perguntarão pelas árvores, pelos pássaros a cantar... procurarão a paisagem tradicional, o cartão-postal... Eu nasci e vivi numa região na qual não faltam árvores, não faltam rios, mas sempre senti o lugar mais deserto, seco. Sinto mais a ruína, o que indica que o tempo passou.» Tempo geológico, porque Lanzarote é um reino mineral.

Na quarta maior das ilhas Canárias, 741 quilômetros quadrados – metade da área do município de São Paulo – que o turismo de massa tenta em vão conquistar, detalhes da fauna e da flora passam quase despercebidos, à sombra do relevo convulsionado, dos restos que a terra verteu. Ruínas, indícios de que o tempo passou, lembra Saramago: «Entre a pedra e o horizonte, que está lá onde estão os horizontes, eu prefiro a pedra, o sentido da pedra, a materialidade daquilo que viveu, porque a pedra viveu. Me interessa o que veio do fundo da terra, o que se moveu, o que se queimou, a escória, a cinza, a lava. Isso que é essencial, que vem de baixo e sobre o qual andamos com uma inconsciência total.» Em Lanzarote, é impossível caminhar sobre as pedras sem ter a consciência plena de que a ilha é resultado de sua natureza pouco amável, que determina como tudo deve ser, da casa ao homem.

Em um tempo de dimensões geológicas, de 11 a 17 milhões de anos, em sucessivas emissões de magma e subsequentes processos erosivos, a ilha surgiu do fundo do mar e ganhou seus traços mais gerais – Lanzarote e a vizinha

Volcan
El Flote

Fuerteventura são as ilhas mais antigas do vulcânico arquipélago canário. Em um tempo mais próximo, de dimensões históricas, sabe-se que grandes erupções aconteceram nos séculos 18 e 19, principalmente entre 1730 e 1736, moldando boa parte da paisagem atual. No dia primeiro de setembro de 1730, contam os cronistas, abriu-se na área centro-oeste da ilha uma fenda de 20 quilômetros que expeliu rios de lava por cinco anos e meio, soterrando onze povoados, centenas de casas e as terras mais férteis, sepultando o único manancial e afetando um terço do território, por sorte, sem matar qualquer habitante. As mais recentes erupções datam de 1824 e abriram três crateras, que vieram se juntar às 300 que existiam. Apesar do repouso, a atividade vulcânica está longe da extinção – a última erupção nas Canárias foi em 1971, em La Palma.

«Ver esses vulcões, com as cores que vão do cinzento ao negro, às vezes ao vermelho, é uma beleza», entusiasma-se Saramago, que já incorporou a paisagem rude à sua rotina. Entre uma página e outra – quem sabe, reflexões para a série *Cadernos de Lanzarote* –, escritas de preferência à tarde, dá tempo para pequenos passeios por aquelas terras estéreis: «Gosto de andar nesses campos negros, que ficam um pouco verdes por ocasião das raras chuvas, mas que logo voltam a ser cinzentos, negros, porque esta é uma terra calcinada.» Quando vem um amigo de fora, permite-se um passeio de maior fôlego, vai à região das Montañas del Fuego, dominada pelo vulcão Timanfaya, centro dos acontecimentos cataclísmicos do século 18, segue os roteiros oficiais e revela paisagens que o impressionam, como a Cueva del Cuervo, uma cratera pela metade – a outra parte desabou. Então, numa atitude ecologicamente reprovável, é possível que escolha uma pedra que considere perfeita, mostrando a lava em processo de solidificação, e a dê ao visitante.

Alcam
Sahombrillo

O HOMEM E O VULCÃO. Lanzarote é o vulcão e a luta do homem contra o vulcão. Nem palavras nem fotografias conseguem descrever o que é, em verdade, a primeira ilha que encontravam os navegadores europeus que, no final da Idade Média, aventuravam-se pelo Mar Tenebroso. Para entender o espírito da ilha, e a impossível luta do homem contra o vulcão, é preciso estar em Lanzarote e, para um curso intensivo, dirigir-se ao Parque Nacional de Timanfaya, um dos quatro parques nacionais do arquipélago espanhol. Timanfaya foi declarado parque nacional há pouco mais de duas décadas e ocupa uma área de 51 km², um quarto do território alcançado pelo cataclismo de 1730-6.

Logo à entrada, a escala assusta, o mar negro de lava solidificada se estende até onde a vista chega e o máximo de vegetação que se vê são líquens, de um total de 180 espécies catalogadas. Segundo os cientistas, os líquens são a base da vegetação que, no futuro, voltará a ocupar essa terra estéril. Quem viver verá.

PERDIDOS NO ESPAÇO. Em Timanfaya, já chamado paraje ultraterrenal (paragem ultraterrena), é assombro após assombro, um espetáculo natural que prescinde totalmente do homem, reduzido a mero, e maravilhado, espectador. É a natureza no estado mais selvagem, mais bruto, mais vital, como se percebe no Islote de Hilario, local que acusa a intensa atividade geotérmica do subsolo, com temperatura de 610 a 13 metros de profundidade, ou 140 a dez centímetros – o restaurante El Diablo, anexo, aproveita o calor da terra na preparação dos pratos. Quem quiser fazer turismo e pegar o ônibus que faz o tour pelo parque sentirá, sem nenhum exagero, que circula por uma paisagem lunar, com aqueles horizontes vastos, solitários e indagadores. Quem tiver vivas lembranças da infância, poderá pensar que tudo não passa de um cenário da série Perdidos no Espaço, com a tranquilidade de não encontrar nenhum maquiavélico Dr. Smith no caminho. Sem contar que, no horizonte de Timanfaya, a paisagem vulcânica, intacta como se a explosão tivesse ocorrido ontem, junta-se ao mar.

Volcan

Gall

Como não pôde vencer o vulcão, o homem aprendeu a conviver com ele, a ponto de Lanzarote ter se tornado um sinônimo de equilíbrio ambiental. Não só os vulcões, mas fatores climáticos, como as escassas chuvas e o vento abrasador que sopra da África, contribuíram para marcar a sua identidade. A arquitetura popular lanzarotenha, cujo espírito se impôs frente à invasão de formas modernas, muitas vezes ligadas à especulação imobiliária, é um exemplo de adequação aos rigores do tempo. São casas muito brancas, que reverberam os raios do sol; telhados sem telhas pintados a cal, para guardar sem contaminações até a última gota de chuva; sem janelas exteriores e com ventilação interior, para isolar o vento. Se a falta de chuva e o vento implacável lembram o inferno natural que ocupa o norte de África – Lanzarote fica a cerca de 100 km do sul de Marrocos –, a temperatura lembra o paraíso. É Saramago quem assim crê: «Ao longo do ano, a temperatura média anda entre os 17° e os 22°, o que dá vontade de dizer que é a temperatura do paraíso. Deve ter sido essa.»

É na agricultura que a vida difícil dos habitantes do campo se transforma em arte. «A possibilidade de viver nesta ilha é estreitíssima», acentua Saramago. «Não agora, que, enfim, as condições melhoraram. Mas antigamente, não. Nesta ilha quase não chove, são sete, oito meses sem cair uma gota d' água. E não há fontes naturais, não há rios. Ao lado de cada casa foram erguidos reservatórios para recolher a chuva, e a água chegava a vir de outras ilhas, para depois ser revendida por um alto preço – hoje, a ilha conta com uma estação dessalinizadora em Arrecife. Os agricultores já não cultivam centeio, cevada e trigo como antes, pois custa menos importar das outras ilhas ou do continente. Mas cultivam produtos como batatas e cebolas – «as melhores do mundo», destaca Saramago. E continuam a cultivar as videiras que produzem o vinho de Malvasía, manifestação maior da agricultura artesanal lanzarotenha.

CINZA ESTÉRIL. Saramago explica a arte de plantar quando a terra se esconde: «A cinza é estéril, mas a 50, 60 centímetros há terra fértil. Aí a videira se enraíza e depois cresce dentro desse funil. Como não é possível retirar os milhões de metros cúbicos de cinzas vulcânicas, é preciso aprender a conviver com elas. A própria cratera, o próprio funil, protege a videira do vento, mas ainda se constrói um pequeno muro de pedra, semicircular, que se opõe ao vento e impede que as cinzas cubram a planta. Há quilômetros de pequenos muros feitos pedra sobre pedra, uma ciência da construção da pedra seca, trabalho de gerações.» O sereno, então, fornece o grau de umidade que as plantas precisam. Os socos, os muros em semicírculo, marca típica da área de La Geria e Los Vinos, parecem trabalhos daqueles artistas que intervêm na paisagem, embora não passem de obra de simples agricultores isolados do mundo. Até recentemente, os lanzarotenhos sobreviviam dessa agricultura de subsistência e da pesca, secando e salgando o peixe.

O lanzarotinho vive para dentro. Percorre-se o interior desértico da ilha, observa-se a água verde-esmeralda de El Golfo, caminha-se pelas crateras e pela costa, e é difícil perceber a presença dos habitantes. No tempo de Lancelotto Malocelli, o navegador genovês que participou da primeira ocupação das Canárias – e legou seu nome à ilha mais a leste, que aparece em um mapa de 1339 como «Insula de Lanzeroto Marocellus» –, ainda existiam guanches, os habitantes primitivos, que viviam na Idade da Pedra, não conheciam metais e nem construíam casas, posteriormente dizimados pelos conquistadores espanhóis. Hoje, a população é composta pelos descendentes dos colonos que chegaram a partir da conquista das ilhas pelo normando Juan de Bethencourt, a serviço do reino de Castela. «O homem de Lanzarote», observa Saramago, «tem uma afabilidade natural, mas é ao mesmo tempo reservado. Pode-se atravessar uma vila e não encontrar ninguém na rua. As pessoas vivem muito dentro de casa. Mas a nova geração pertence a outro mundo, tem outro tipo de relação.»

Volcan
La Corona

MÁ-TERRA. Se Lancelotto Malocelli (século 14) deu nome à ilha, foi César Manrique (1919-1992) quem lhe deu identidade. Originalmente artista plástico, Manrique nasceu em Lanzarote, fez carreira em Madri e Nova York. Um dia resolveu voltar. Conta-se que queria comprar uma área do Malpaís, a Má-Terra, de cultivo impossível, tomada pela lava que, em muitos pontos, guarda a forma de substância espessa que, no passado, escorreu das crateras. Acabou ganhando a área e aí construiu sua casa, hoje sede da Fundação César Manrique. Ele aproveitou cinco bolhas vulcânicas, explodiu túneis entre elas e se espelhou na arquitetura da ilha, com seu reboco tosco, para erguer uma casa única. A partir da casa, e tomando por base a arquitetura local, promoveu outras intervenções que, hoje, atraem os olhares de gente de todo o mundo. Manrique teve a sorte de, graças a sua paisagem pouco atraente, ter encontrado Lanzarote quase intocada, mesmo que nos últimos tempos tenha se batido contra os que ameaçavam impor à ilha os cânones de uma arquitetura descaracterizadora. Diz Saramago: «A ilha foi mantida num estado de atraso porque não se podia fazer nada dela. É difícil que alguém quisesse tirar desta ilha fosse o que fosse, porque não havia nada que tirar.»

As circunstâncias que levaram Saramago à ilha são conhecidas, mas ele desautoriza insinuações de auto-exílio, coisas assim. Não. Lanzarote está a duas horas e quinze minutos de voo de Madri, e, depois, o escritor está ligado ao mundo por telefone e fax, que não param de tocar. Recebe amigos e, na condição de uma das celebridades locais – talvez a maior delas –, é membro de fundações e participa da vida da ilha. Não se arrepende de ter mudado, longe disso. «Este é um lugar onde vale a pena viver, onde a expressão “qualidade de vida” tem um sentido real. Quando eu digo qualidade de vida, refiro-me ao silêncio, à ausência total de poluição atmosférica,

Volcan
La Meseta

à ordenação de um território, que está preservado, coisa que não acontece em todas as ilhas das Canárias. Dou um exemplo só: não se encontra em toda a rede de estradas de Lanzarote um único anúncio. Aqui é possível viver de uma maneira natural.»

«QUE ME DIZES?» Saramago está por terminar um livro-ensaio – *Tyteroygatra*, o antigo nome da ilha – sobre o local, mas é com prazer que rouba um tempo da literatura para acompanhar os visitantes a pontos como o auditório de Jameos del Agua. Então, olha para a inevitável incredulidade do visitante diante daquele excepcional exemplo de natureza que não briga com a arquitetura – o auditório é basicamente um túnel natural no qual Manrique colocou poltronas e instalou, ao fundo, um palco, obtendo uma acústica notável – e pergunta: «O que me dizes?» Ele mesmo se apressa em responder: «Não, não precisas dizer nada.» E segue admirando sem se cansar aquele prodígio de acústica e arquitetura. É com visível prazer que faz a peregrinação aos lugares que tiveram o toque de Manrique, como o Mirador del Río, um excepcional mirante que se abre para o canal, o «rio», que separa Lanzarote da ilha Graciosa, ou a própria casa-fundação, com seus espaços subterrâneos.

Mais que ninguém, Saramago sabe que o maior e melhor cartão-postal da ilha é a própria ilha, a enorme sensação de isolamento do mundo, as formas que as entranhas da Terra plasmaram. «Esta ilha de fato é um pouco bruxa», confessa. Tudo isso ele colocará em *Tyteroygatra*. Isto é, se as estripulias e os latidos de Camões e companhia não o desviarem da missão!

Fotografias: os vulcões da ilha dão o nome a vivendas de arquitetura modernista na Calle Alegranza, Puerto del Carmen, Lanzarote.

SARA
FIGUEIREDO
COSTA

TOMADE FESTA 2015

DIÁRIO
DE UM
FESTIVAL

T O M D E F E S T A 2 0 1 5

Antes de vir a Tondela pela primeira vez, já lhe conhecia a fama. Uma pequena cidade do interior a destacar-se das outras todas por ter uma associação cultural e recreativa de fazer inveja a muito ministério da cultura, quando ainda os havia. Sabia de gente que já aqui tinha vindo ver espetáculos, gente que por aqui passava sempre que vinha para o Norte, até gente que aqui se instalou por uns tempos para integrar algum dos muitos projetos da tal associação e que acabou por ficar por muitos anos.

Da ACERT – Associação Cultural e Recreativa de Tondela conhecia esta fama e ia lendo as poucas referências que a imprensa nacional se dignava a fazer de quando em vez. Sabia do teatro e da música, do Tom de Festa e da Queima do Judas, de tantas coisas que pareciam grandiosas e irresistíveis mas que nunca vim conhecer de perto por preguiça, lonjura, falta de oportunidade. Para além de tudo isto, conhecia Tondela por causa de uma canção do Samuel Úria, músico que fui descobrindo nos velhos cd's caseiros e comprados pelo correio à Flor Caveira. «Ao tom dela», integrado no álbum *Nem Lhe Tocava*, tinha uma letra capaz de comover um calhau de granito, toda a gratidão ao sítio onde estão as raízes, com aquela emoção cortada por dois ou três trocadilhos verbais que dão para um tipo se rir de si próprio sem perder a solenidade. Fiquei com Tondela

guardada no peito por causa desta canção, muitos anos antes de lhe pisar as ruas e conhecer as manhas.

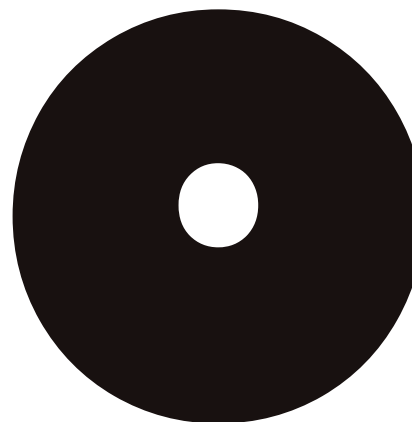
Se isto fosse uma reportagem, teria começado por falar do concerto que abriu o Tom de Festa deste ano e pouparia os eventuais leitores a divagações emocionais, mas como não é de uma reportagem que se trata, porque a jornalista é, agora, associada da ACERT e a deontologia não permite (e bem) semelhantes misturas, avançaremos um pouco mais antes de chegar ao dito concerto. É que não voltei a ouvir o «Ao tom dela» nos últimos tempos. Às vezes regressava ao disco, mas isto de ouvirmos música em andamento faz com que nem sempre cheguemos ao fim dos discos e a canção em causa é mesmo a última. Passava pelo «Não arrastes o meu caixão», trauteando e pensando que não quero saber o que me acontecerá depois de morrer, mas se alguém fizer questão de exéquias fúnebres lembrem-se, por favor, de fazer uma festa e passar essa canção em repeat, e lá seguia sem ameaças de morte, esquecendo Tondela que ainda não conhecia. Não imaginava que um dia me



**Ana Bacalhau, Filipe Melo,
Samuel Úria e A Cor da Língua**

fotografia de Carlos Fernandes

chamariam para acompanhar os saltimbancos de coração generoso que compõem o Trigo Limpo na digressão de *A Viagem do Elefante*, esse texto soberbo de José Saramago que os tipos da tal ACERT transformaram num espetáculo belo, comovente, capaz de envolver a gente de cada comunidade onde aterra e de nos deixar a pensar sobre o que vamos fazendo com o tempo que nos cabe viver. Cheguei, então, a Tondela e à ACERT e o que pensava que tinha percebido da canção de Samuel Úria revelou-se pequeno perante tamanha grandeza de alma. Caramba, a «custódia das histórias» que abre a letra é exigência mais que justa! Não há lugar que não guarde um carregamento de histórias, mas em Tondela o carregamento dá para muitas frotas e alimenta o quotidiano de tanta gente.



concerto, então.

De um concerto institucional, envolvendo uma Câmara Municipal a pretexto de assinalar os 500 anos de um Foral, podia esperar-se o pior. O envolvimento da ACERT e dos músicos, os convidados e os residentes, garantiam que não havia nada a temer. Manteve-se a vertente institucional, mas a generosidade dos músicos construiu um concerto que valeu a pena presenciar. Filipe Melo, Ana Bacalhau e Samuel Úria tocaram e cantaram ao lado da banda A Cor da Língua, da ACERT, do Grupo Coral da Casa do Povo de Tondela, de Pedro Santos, figura essencial da cidade, do Grupo Coral e Instrumental do Agrupamento de Escolas Cândido de Figueiredo e da Sociedade Filarmónica Tondelense. Houve memórias partilhadas e algumas confidências e houve um final em grande, com Samuel Úria cantando «Ao Tom Dela»



Ode & Ceia

fotografia de Carlos Teles

com todos os participantes (duas vezes, porque na primeira enganou-se na letra, o que acabou por impor um segundo *encore*).

Teatro de rua, em movimento constante, levando o público numa espécie de romaria noturna, é coisa a que o Trigo Limpo já nos habituou. Com *Ode & Ceia*, a companhia tondelense criou uma narrativa que cruza as epopeias clássicas, com *Os Lusíadas* à cabeça, com indiscreto olhar crítico sobre o mundo contemporâneo e as suas dores. O registo é cómico, exuberante, e o público responde à altura. No fim, assa-se um porco bísaro, que há de ser comido com pão a aconchegar os estômagos para a festa noturna. Fica por saber se o canguru que surgiu a meio da viagem dos protagonistas pelo mundo sempre guardava na bolsa um pipinho de vinho do Dão que ajudasse a pagar o cachê dos artistas. Nos tempos que correm, era capaz de dar jeito.

No Tom de Festa dorme-se pouco. As noites acabam tarde – às vezes, cedo, quando o dia já está a nascer –, o que dificulta a vida matinal. Apesar disso, não falta quem trabalhe pela manhã, fazendo ajustes de som e luz para os

concertos do dia, limpando o espaço do festival, garantindo que tudo estará outra vez a funcionar quando as portas da ACERT se abrirem para receber o público.



ão falta comida no recinto, como mandam as regras de qualquer festival, mas ao contrário de uma suposta tradição festivaleira que troca patrocínios por bancas de comida de plástico, aqui não se vislumbram hambúrgueres processados ou batatas fritas de pacote. Há menus completos feitos pelo restaurante 3 Pipsos e há petiscos no bar exterior: caldo verde, chouriça assada, moelas e várias especialidades com cogumelos silvestres cozinhadas pela Amanita Bunker. Depois de comer assim num festival de música, será muito difícil voltar a tragar cachorros de lata ou burricos de plástico com alguma espécie de prazer.

Os Jenny & The Mexicats são formados por uma in-



Jenny and the Mexicats

fotografia de Carlos Fernandes

glesa, um espanhol e dois mexicanos. As canções que fui ouvindo na internet, de modo a conhecer a banda o melhor possível antes de a ouvir ao vivo, prometiam um palco muito mais animado do que aquele a que tivemos direito. Não é que a música seja pior ao vivo, não, mas fica a ideia de estarmos a ver uma banda que não nos está a ver a nós. Os ritmos mariachis, as guitarradas e o *groove* não faltaram, mas sobrou uma certa sensação de saber a pouco.

Jantar com as bandas antes dos concertos foi a forma mais eficaz que a equipa de produção do Tom de Festa encontrou para que eu pudesse cumprir a missão de gravar pequenas entrevistas com todas elas. O resultado há de surgir mais adiante, numa publicação acertina, mas para já fica registada a estranheza de conversar com gente que se admira em frente a um prato de rojões. De resto, o que acontece à mesa fica na mesa, por isso, nada

de inconfidências. Quanto às entrevistas, a postura geral foi a de grande simpatia e generosidade, tendo sido, provavelmente, a primeira vez que não tive de correr atrás de (quase) ninguém para conseguir umas palavras.

Karyna Gomes tem uma voz cristalina e canta um repertório que anda pelos territórios da música urbana da Guiné Bissau sem esquecer as raízes. Quando a entrevistei, a conversa saltou da música para a consciência social e política e para um modo de olhar para África que não passe pela visão eurocêntrica de sempre: África não é um país, é um continente com tanta diversidade como qualquer outro; as «descobertas» só o foram para quem não conhecia o que descobriu; a historiografia ainda tem muito para pesquisar e ensinar. Parecem noções banais, mas para muita gente serão novidade absoluta (é inacreditável), pelo que vale a pena escrever e repetir.

No bar há vodka com laranja de Besteiros, a primeira responsável por alguns passos de dança desajeitados desta escriba, a segunda um dos produtos da



Karyna Gomes

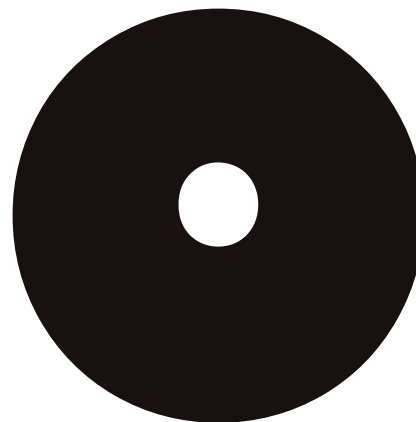
fotografia de Carlos Fernandes

terra que vale a pena conhecer e consumir desenfreadamente.

Descobri a música de Astor Piazzola por alturas do liceu e foi preciso chegar a Tondela e ao Tom de Festa para descobrir uma banda que parte dessa tradição tanguera que Piazzola imortalizou para mudar tudo, desconstruir e voltar a erguer, criando um som capaz de terramotos naquilo a que chamamos alma. Orquestra Típica Fernández Hierro, assim se chama a banda. Se deixássemos de os ouvir enquanto tocavam, podia parecer que estávamos num concerto de metal de uma banda obscura. Com som, era o melhor de certa tradição argentina envolto numa bruma de melancolia e com os bandoneons apontados ao futuro que há de vir.

No jardim da ACERT, várias bancas de artesanato, livros e outras coisas produzidas aqui na zona ocupam o seu espaço. E lá no meio, a mais pequena das bancas vende um tesouro, um daqueles que qualquer pessoa de bem saberá apreciar, desde que não confesse o momento a nenhum nutricionista. Mulinhos, assim se

chamam os bolos com ovo, castanha e canela que se produzem artesanalmente na serra do Caramulo. Que as regras tolas da União Europeia nunca interfiram na produção de Mulinhos, é o que desejo para o futuro. E que os nutricionistas evitem Tondela, é o que posso aconselhar.



hip hop de Capicua não engana: língua afiada, ritmo certo, muitas intervenções entre músicas a confirmarem a intenção de cada letra. Do lado do público, percebe-se que muita gente conhece as canções. Quem

não conhece, facilmente se rende.

Uma das bandas que fez do Tom de Festa deste ano um momento inesquecível foi o Samba Sem Fronteiras. No pátio do Bar ACERT, o grupo fez desfilar sambas e outros ritmos brasileiros enquanto o públi-



Clã

fotografia de Carlos Fernandes

co, que começou o concerto sentado pelas mesas da esplanada, acabou de pé a dançar. Pela minha parte, posso dizer que há muito, muito tempo que não dançava e teria continuado de bom grado, não fosse o adiantado da hora e a necessidade de terminar mais um dia de festival sem que os vizinhos se queixassem do som...

Por mais tentador que seja encerrar um festival com uma banda estrangeira, assim como quem diz que um bom cabeça de cartaz tem de ser importado, dar o palco a quem sabe do assunto e ainda por cima vive aqui tão perto pode ser muito mais recompensador. Os Clã fecharam o Tom de Festa 2015 com um concerto daqueles que teria direito a muitas linhas elogiosas no jornal, se ainda se praticasse a arte de escrever sobre concertos com a frequência desejável, e o público respondeu à

altura. Houve *encores*, muitos, uns pedidos pelo público, outros pedidos pela própria banda, «deixem-nos tocar só mais uma música», como se alguém estivesse inclinado para dizer que não.

25 edições do mais antigo festival de músicas do mundo português – como se as músicas não fossem todas do mundo... – e só pode estranhar-se a pouca cobertura jornalística a que o evento tem direito. Estando aqui como participante, e não como jornalista, custa-me reprimir a vontade de escrever uma reportagem, mas custa-me mais ainda perceber o tanto que já aconteceu de interessante e relevante neste palco do Tom de Festa ao longo de tantos anos sem que os destaques noticiosos se tenham mostrado interessados. Tondela é no centro-norte do país, não é na lua. Já não tem comboio, porque os governos que foram desmantelando a linha férrea que tínhamos a ligar cidades e vilas também por aqui passaram, mas tem autocarros da Rede Expressos. E uma autoestrada que passa aqui mesmo à porta. Para o ano, é capaz de valer a pena dar cá um salto, digo eu. Fica a sugestão.



Prémio Nobel
de Literatura

JOSÉ SARAMAGO

Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos



 Porto
Editora®



Fundação
José Saramago

gerador

A PICAR O CÉREBRO PARA SEMPRE

O Gerador é uma plataforma de acção e comunicação para a cultura portuguesa. Aquela que nos define como portugueses. Descobre-nos através da Revista Gerador, nas bancas de todo o país, ou em facebook.com/acgerador

Gerador.
É a cultura portuguesa.



Uma biblioteca de bibliotecas

CASADEL

com o leitor no centro

LEITOR

ANDREIA
BRITES

Para chegar à Casa del Lector, é preciso apanhar o metro. A estação Legazpi parece ficar já nos limites da centralidade de Madrid. Desengane-se o ingênuo visitante: a Casa del Lector (CDL) acompanha, conscientemente, os múltiplos fenómenos de transformação urbana, nomeadamente ao nível da desvinculação do público dos lugares tradicionais, com as suas coleções permanentes, como o são os museus.

No Matadero, antigo matadouro municipal à época efetivamente afastado do centro da capital espanhola, agora metamorfoseado em espaço de múltiplos projetos culturais de cinema, artes cénicas e gráficas que alimentam uma intensa programação, a Casa del Lector beneficia diariamente deste polo fervilhante de públicos motivados. Mas não só. Apesar da relativa distância da Praça Cibeles, a população dos bairros envolventes ao Matadero ronda os cem mil habitantes, pelo que também faz sentido pensar nas relações de proximidade que se estabelecem por essa via.

Exposições na origem da teia

A biblioteca, o auditório, as salas de aula e os espaços de exposições receberam um média de 17 mil visitantes cada mês. Quem são? Públicos de todas as idades para quem a programação é escrupulosamente pensada com uma antecedência de um ou dois anos. O eixo central é justamente as exposições e delas se parte para se conceberem visitas guiadas, oficinas, ciclos de cinema, encontros, debates. Nos mil metros quadrados, que se estendem entre as vigas de sustentação do edifício e uma ampla sala no piso térreo, ofereciam-se em julho três propostas muito distintas.

«Archivo Bolaño 1977-2003» trata disso mesmo, de mostrar, a par de outros documentos, material inédito do escritor chileno que integra agora o arquivo dos seus herdeiros. «Nuevos Viajes Extraordinarios: Jules Verne/ Eric Fonteneau» convida o visitante a ver o globo criado pelo escritor, através do qual imaginava as suas viagens fantás-

NU

BFE

ticas, assim como a maqueta do icónico *Nautilus*. Para além disso, há primeiras edições, manuscritos e as criações de Fonteneau a partir deste profuso imaginário. Finalmente, nos corredores que atravessam a nave, no primeiro andar, é a música que sobe ao palco: «El Poder de Las Canciones. 60 Momentos Pop del Siglo XX» perfazem uma antologia audível nos auscultadores e muitas vezes involuntariamente repetível nas vozes de quem escuta e se distrai. Ao que parece, uma criança ter-se-á manifestado contra a ausência de Michael Jackson. Alguém da CDL lhe terá respondido com um repto: «Podes ouvir o que ele ouvia.»

Famílias, jovens, adultos, adolescentes, escolas, todo o tipo de público visita a Casa del Lector e há efeitos de contágio entre públicos. No entanto, é a diversidade que assegura a sua presença.

«Quero tê-los a todos mas sei que não posso oferecer o mesmo a todos, tenho de ter propostas distintas. Uma instituição, dentro das suas capacidades, tem de ir ao encontro dos interesses dos vários públicos. O Matadero é um sítio muito moderno, há muita gente jovem, é uma espécie de centro alternativo. Temos de ter isso em atenção. Vamos dando uma no cravo e outra na ferradura», afirma José Vicente Quirante Rives, diretor de programação.

Para comprová-lo, conta à *Blimunda* «uma história exótica».

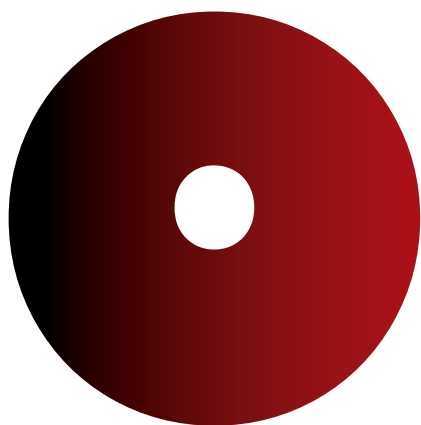


á uma novela americana que tem imenso sucesso em Espanha, desde 1982. Chama-se *La Conjura de los necios*, de John Kennedy Toole, e está publicada pela Anagrama. Já vendeu meio milhão de exemplares e conta com 60 edições.

Na semana anterior à da visita da *Blimunda*, A Casa del Lector organizou um encontro em torno da obra. Surpreendeu os leitores que logo acorreram em massa, incrédulos por passados cinquenta anos sobre a morte do seu autor se poderem reunir e partilharem algo que lhes é tão caro. Ali estiveram a biógrafa americana do escritor e o editor para contar a história da publicação da obra. Passou-se um documentário

inédito em Espanha e ainda algumas imagens captadas em New Orleans, a pedido da Casa del Lector. Ouviu-se uma banda de jazz e assistiu-se a um desfile de máscaras de Ignatius Reilly, o protagonista. Foi um encontro feliz.

«Há que usar a imaginação», declara José Vicente Rives. E acrescenta: «Quando pensámos em Jules Verne, a equipa que faz as atividades infantis começou a planificar oficinas a partir de Jules Verne. Um ano antes. Quem se ocupa de cinema, procurou um ciclo sobre Verne, quem se ocupa da literatura procurou livros sobre Verne que se iriam publicar em Espanha para se apresentarem aqui. Trata-se de trabalhar com antecedência.»



centro são as exposições, mas elas são ao mesmo tempo o pretexto para criar um grupo de atividades em torno delas, que as acompanham. Programa-se com antecedência para se programar em rede. Por exemplo, a exposição de Bolaño, uma adaptação daquela que tinha sido concebida para o CCCB em 2013, oferece ao leitor adulto a possibilidade de fazer uma visita guiada ao Archivo através de um jogo em que os visitantes entram na pele de detetives selvagens, personagens do autor. Em novembro, inaugurar-se-á uma intervenção da artista plástica Nuria Mora que tem como base o conto de Borges *A Biblioteca de Papel*. Que relação tem com Bolaño? O título da exposição revela-o subtilmente: «De

camino a Bolaño: A Biblioteca de Babel de Nuria Mora.»

Já a exposição dedicada à música *pop* fez-se acompanhar de ciclos mensais de cinema sobre o tema, um curso sobre esse estilo musical, uma feira do disco com as últimas novidades e uma oficina para pais e filhos onde se convidam as famílias a explorar a guitarra. Para as exposições, a entrada é gratuita. As outras atividades podem sê-lo ou não.

Assim se prevê alcançar uma maior diversidade de leitores e de leituras. Se a exposição ajuda a interpretar, a sua relação com outras manifestações artísticas, a sua exploração em oficinas ou o seu suporte documental mobilizam



para a intertextualidade, ou seja, dão ao leitor mais ferramentas de leitura. Por isso a curadoria também é assegurada internamente, mesmo que já exista outra exposição prévia sobre a qual trabalhar. Porque é pensada em função do leitor e este está no centro deste grande projeto.

Animação leitora



promoção da leitura é muito anterior à criação da Casa del Lector, tendo nascido em Salamanca, na Fundação Germán Sánchez Ruipérez, onde se desenvolveu um centro de investigação na Península Ibérica sem precedentes na área. Desde um fundo de literatura infantojuvenil espanhola riquíssimo a uma vasta bibliografia que resulta de uma investigação sistemática disponibilizada online, a equipa da FGSR foi pioneira no desenvolvimento de atividades de promoção da leitura em continuidade, estabelecendo uma relação de grande proximidade com grupos escolares, famílias, professores e mediadores de outras geografias que ali aportavam para aprender.

Com a transferência para a Casa del Lector e o encerramento do centro de Salamanca, o projeto não estagnou. A base continua: investigação e trabalho com famílias. Das atividades propostas para o último trimestre de 2015, cinco são para crianças dos 9 meses aos 3 anos. O director de programação explica o pioneirismo da equipa de investigação: «Quando se começa a ler? Aos 0 anos. Agora não é assim tão raro, mas posso assegurar-vos que há 15 anos atrás era muito raro esse trabalho com crianças a partir dos 0 anos.» Hoje, para além deste público iniciático, a equipa trabalha com crianças de dois, três, quatro, cinco, seis, sete e oito anos. Continua lendo e narrando mas não apenas no suporte do livro físico. Agora, nas sessões com as famílias introduzem-se *tablets*. E com eles aplicações, jogos, *ebooks*. Para que todos ganhem competências de leitura efetivas lendo no ecrã, para que todos adquiram

critérios de seleção e sentido crítico, divertindo-se. «Faz-se animação com recurso às novas tecnologias, o que não é fácil de encontrar noutros sítios.» Tal como aconteceu há duas décadas com os bebés, os investigadores e mediadores avançam para desbravar terreno noutro campo, desta feita carregado de equívocos e falsa acessibilidade.

As crianças podem começar por frequentar o Trío de AsEs: Album, App, Arte aos três anos, aos quatro Lectores de Pantalla e aos cinco Teclados & Ratones. Aos seis ganham o direito a um clube exclusivamente para si, onde os pais só entram nas duas últimas sessões: Club de creación y lectura AppTrevi@s. Os intervalos etários não são tão estreitos nem é tão-pouco obrigatório passar por um projeto para participar noutro. No entanto, pensados por forma a cobrir toda esta faixa etária é possível criar um envolvimento de longo prazo, não apenas entre o mediador e o público infantil mas com os pais e até entre pais e filhos.

A biblioteca das Bibliotecas



Casa del Lector define-se como uma biblioteca de bibliotecas, a pensar no leitor e não na leitura. Só assim se justifica o enfoque dado às exposições. O formato da biblioteca foi por isso muito pensado, tendo em consideração os modelos mais tradicionais, que dependem de fundos físicos e de um serviço de requisição e consulta presencial e outro domiciliário.

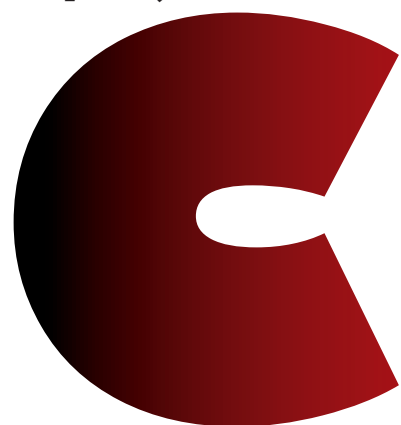
A reflexão levou a equipa a considerar que este paradigma não se enquadrava nos objetivos definidos para chegar ao leitor. Nesse sentido, a biblioteca existe e manifesta-se de forma mais tradicional mas igualmente de forma totalmente inovadora. Do ponto de vista do que existe fisicamente, a CDL alberga o fundo de literatura infantojuvenil espanhola que transitou de Salamanca e é o melhor de Espanha. Faz sentido que ali esteja por duas razões: a primeira deve-se



ao facto de pertencer à FGSR e a segunda à sua inquestionável riqueza que serve o centro de investigação e todos aqueles que ali se possam dirigir por o reconhecerem como tal.

Está também disponível um fundo de novelas populares espanholas. O popular e o infantil têm uma história de receção e de marginalização comuns e por isso justifica-se que ali se encontrem, ainda que dirigidas, pelo menos teoricamente, a públicos distintos.

Exposições de bibliotecas digitais



Como Biblioteca de Bibliotecas, a Casa del Lector lançou-se num projeto estratégico sobre as grandes bibliotecas do mundo que consiste em apresentar, anualmente, uma exposição totalmente digital dedicada a uma grande biblioteca de um país, de acordo com uma perspetiva de leitura.

O arranque aconteceu no ano passado, com a Biblioteca de Israel que foi apresentada como depósito de memória. Para o efeito criou-se um site que a CDL disponibilizou parcialmente a todos os internautas de forma gratuita. Todavia, para que valesse a pena visitar o espaço, apenas aqui se tinha acesso à totalidade de recursos virtuais. O percurso da exposição estava marcado, aqui e ali, por painéis retro-iluminados que tinham QR Codes. As pessoas aproximavam os seus smartphones do código e acediam a filmes, documentos, livros, áudios, fotografias, vídeos.

José Rives explica a razão da aposta: «Não se trata apenas de mostrar uma biblioteca importante mas uma biblioteca que vá construindo o conceito histórico de biblioteca. Há uma moda do digital mas não sabemos o que fazer com isso. Não basta mostrar um quadro porque isso não é suficiente. Uma coisa é ter uma exposição física com um recurso digital – todos o fazem hoje em dia –, outra coisa é uma exposição criada para ser unicamente digital. O

digital tem de trazer algo novo, uma linguagem que não repita o que já existe e que possamos ver materialmente. É um território por explorar que nos interessa muitíssimo porque nos definimos como centro de investigação em torno da leitura, então é um campo que nos apaixona.» Por isso não haverá, em nenhuma destas exposições, nenhum objeto físico, tudo é digital.

E como reage o público? «Os mais novos respondem melhor que os mais velhos. Ficam surpreendidos, espantados. Tens de ajudar, porque há pessoas que têm dificuldade em manusear estas plataformas. Há sempre quem deseje o físico. Quando Alberto Manguel aqui esteve, dizia que a exposição estava muito bem, mas se pudéssemos expor igualmente alguns dos tesouros... E respondemos-lhe que essas exposições já as tínhamos feito e continuaríamos a fazer. Temos 1000 metros de exposições clássicas! Continuamos convencidos de que o papel é bom, somos da geração do papel, gostamos do papel. Mas investigamos e pensamos no futuro, nas novas gerações que se estão a formar com outro tipo de recursos.»

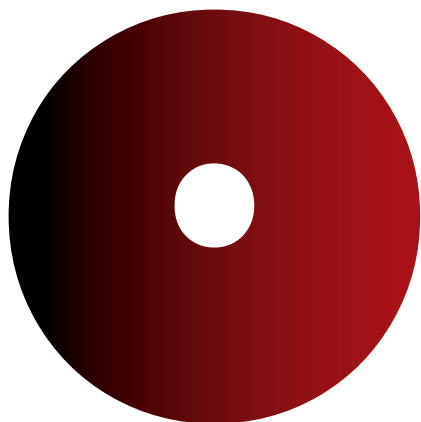
O caso português



próxima exposição digital dedicada a uma biblioteca de um país está a ser cuidadosamente preparada. Desta feita, não se tratará de um site e sim de uma aplicação, unicamente possível de ser descarregada em aparelhos da Apple. A razão é funcional: o sentido intuitivo da aplicação perde muito quando transposta para android, dado o seu peso e a dificuldade de conversão. Aos visitantes que não têm nenhum dispositivo da marca serão cedidos ipads para que possam realizar a visita. A exposição tem inauguração prevista em novembro e a Biblioteca exposta será justamente a Biblioteca Nacional de Portugal. Depois do Depósito de Memó-



ria, agora explora-se a Viagem pelo Conhecimento, que dará nome à mostra. Parte-se da história dos navegadores portugueses, especialmente pelo continente africano. A BNP oferece as imagens e os textos estão a ser escritos por uma equipa em Portugal. Por seu turno, a aplicação está a ser desenvolvida em Espanha por um grupo de designers que também têm vontade de investigar esta área. «Há cada vez menos dinheiro para a cultura e é cada vez mais difícil fazer exposições físicas e tradicionais.» Então foi um encontro feliz: um projeto que interessava a ambas as partes porque ambas, à sua maneira, refletem sobre o que poderá ser uma exposição digital no futuro.



diretor de programas levanta um pouco o véu: «Vamos decorar o espaço, o elemento físico principal serão *beacons*. Quando o visitante aproxima o iPhone ou o iPad desse *beacon* tem acesso a um conteúdo que poderá ser uma imagem, um vídeo, uma instalação sonora, um texto, uma animação... Será um passeio e haverá cerca de 15 surpresas para que a visita física tenha sentido. Se fosse só pela app podíamos descarregá-la e vê-la em casa. Tem de fazer sentido vir à Casa del Lector, mesmo que não se leia nem se veja tudo aqui.» A navegação será muito intuitiva, mas mesmo assim a app inclui um vídeo instrutivo com os quatro passos a seguir. Tal como aconteceu com a exposição

anterior, esta também será bilingue: em espanhol e português (a da biblioteca de Israel tinha sido em espanhol e inglês). Quanto à disponibilização gratuita da app, ainda não há certezas mas possivelmente só acontecerá depois de encerrar a exposição.

As bibliotecas no futuro



á já alguns contactos para se criarem exposições digitais sobre outras bibliotecas do mundo: a do Congresso Americano, em Washington, é uma delas. Outras possíveis são a Biblioteca Laurenciana de Florença, que alberga alguns dos mais preciosos manuscritos para a história da Europa, como o Codex Squarcialupi ou o Codex Amiatinus; ou a Bodleyan Library, em Oxford.

Porém, tudo indica que a próxima exposição se debruce sobre a Biblioteca de Salamanca. «Como somos um centro internacional, preferíamos optar por bibliotecas fora de Espanha, mas a biblioteca de Salamanca, a mais antiga de Espanha, ainda para mais da região do fundador da Fundação German Sánchez Ruipérez, assinala uma data importante em 2018. Por isso é possível que a próxima exposição digital lhe seja dedicada.»

Em agosto, a Casa del Lector encerra. Reabrirá em setembro, para dar continuidade às 1600 atividades programadas para o ano de 2015. Sejam quais forem, haverá certamente uma pensada para cada leitor.

Tesouro

Ouro, dinheiro, pedras e metais preciosos, tudo isto já foi tesouro – coisa muito valiosa perdida no tempo, sem dono! Robert Louis Stevenson, no seu clássico *A Ilha do Tesouro*, mostra-nos outro: os livros. Nessa história repleta de aventura e ação tudo começa com a descoberta de um velho livro no fundo de um baú. Também Álvaro Magalhães começa o seu poema *A Ilha do Tesouro* com «O meu tesouro é um livro...». Os Cinco de Enid Blyton aventuraram-se numa *Ilha do Tesouro* e na *Caça ao Tesouro*. Mas não ficamos por aqui. Tesouro pode ser amizade, felicidade, ou pode ainda assumir outras formas tais como a contada por Manuel António Pina em *O Tesouro*: «–Sim, um tesouro... A liberdade.»

Inês Vila

Bibliotecária



Transformação

Quando falamos de infância e juventude, falamos de Tempo – o tempo da metamorfose, turvo. Falamos de Tamanho – o tempo em que os gatos são Tigres. Tropeçar, tentar, tactear, traquinices, tropelias, teimosia, tagarela, trapalhão, turbulento. Na infância e juventude, somos «Tu-cá-Tu-lá» com toda a gente e encantam-nos palavras como «Tudo», «Tanto», «Todo» e «Também». Quando jovens, «*Parece que o mundo inteiro se uniu p'ra nos tramar*» – e pedimos «Tréguas». Tensão, tentação, trampolim, transe, turbilhão, tudo e tanto, tanto e tudo – terrível e trepidante. Literatura, não esqueçamos, também tem dois «T». Ser e devir; ficção e realidade. «O que me aconteceu?» pergunta Gregor Samsa. O que me está a acontecer? Em que me transformo? «Alice» e «Gulliver», à semelhança de Einstein, ensinam-nos que «Tudo é relativo».

Maria Teresa Meireles

Autora e investigadora

Segredos na Floresta Jimmy Liao Kalandraka



Este título que a Kalandraka agora publica, o segundo do autor em Portugal, é efetivamente o seu livro de estreia. Originalmente editado em Taiwan em 1998, *Segredos na Floresta* seria o primeiro de muitos sucessos que Jimmy Liao alcançaria nestas quase duas décadas de ilustração, escrita e animação. O sentido melancólico da solidão, a inexorabilidade do tempo, a ilusão e a evasão são tópicos recorrentes na sua obra, que tem repetidamente como pano de fundo a urbe desumanizada. O sonho aparece, então, como recurso diegético, o que não é inovador na história da literatura. O *topos* do sonho como símbolo, imagem, parábola onírica, acontece de forma paradigmática em *Alice no País das Maravilhas*, mas não se olvide Maurice Sendak na trilogia iniciada em *Onde Vivem os Monstros* e finalizada com *O que está lá fora*, ou o célebre *Boneco de Neve* de Raimond Briggs. Por isso não é o sonho que surpreende, e sim a consciência que dele tem a protagonista. Ao

contrário do que acontece nas obras anteriormente referidas, a menina que dorme a sesta reconhece o aparecimento do sonho, brinca com ele, e domina o processo para o fazer regressar. Como se se tratasse de um metatexto onírico, Jimmy Liao introduz logo em *Segredos na Floresta* um elemento que será uma marca identitária noutras narrativas: o poder do protagonista. É uma espécie de livre arbítrio aplicado à vida individual, às escolhas quotidianas, que podem ser tomadas em liberdade e só dependem de cada um. Neste caso, a menina que se deita sobre duas grandes almofadas junto à janela aberta não sofre quaisquer consequências negativas em resultado das suas escolhas mas em *Desencontros* tudo depende disso, e isso também pode ser o acaso. Seja como for, e esse talvez seja o maior compromisso de Jimmy Liao com a sua obra, a liberdade acarreta a responsabilidade e deve implicar uma capacidade lúcida e simultaneamente

poética de ver o outro, e por outro entenda-se o mundo nas suas infinitas individualidades, sejam elas pessoas, coelhos, passeadeiras ou peixes. A composição textual assenta sempre na progressão da ação. Nesse sentido, o texto caracteriza-se por frases curtas, em que o verbo é o motor. É em torno da ação que se criam efeitos sensoriais como a leveza das cortinas, quando flutuam ao vento, ou o calor do sol que ruboriza o rosto da menina. Igualmente, a contenção descritiva produz uma poética do movimento e da sugestão que cada quadro materializa. Este passeio pela floresta tem como elementos de passagem a janela aberta e um dos dois peluches que acompanham a menina no sono vespertino. A partir daqui o percurso faz-se por estádios, sendo o primeiro o do arranque da brincadeira, quando a menina ainda se esconde, fazendo lembrar aquela timidez que constrange a excitação pela aventura. Logo se entra num mundo fantástico,

ESPELHO MEU

surreal no efetivo sentido do termo. O coelho que sai do trompete é imagem inequívoca. Depois há saltos que se dão em tábuas de madeira que bem podem soar a teclas de piano e afinal serem, na cidade solitária que a menina vai descobrir ao acordar, as linhas brancas da passareira.

E a memória de um vestígio, a revelação de que ali se guardam segredos: apesar do tempo que passou, a menina sabe que elegeu aquele lugar. É ela quem tem o poder sobre o sonho. Tanto assim é que num terceiro momento a menina já revisita um sonho antigo, não para o reviver mas para com ele descobrir e explorar. Neste estádio a menina transforma a função e o lugar do sonho. O quarto e último momento esclarece toda a narrativa, mas não no sentido tradicional: o momento do acordar, aquele que impõe a fronteira e restabelece a ordem. Aqui, perante um acordar insatisfatório a protagonista repete o processo para voltar a sonhar. E o leitor confirma que é ela quem domina esse outro lugar, o da evasão, da beleza, do voo, do jogo.



A porta abriu-se. A floresta estava sossegada.

Na ilustração tudo se decide, tudo se materializa num contexto em que as dimensões reforçam a irrealidade espacial, quando o coelho é muito maior do que a menina, as escadas atravessam o ar na diagonal da página dupla, e as tábuas de madeira flutuam primeiro, e depois permanecem inertes, no chão da estrada, muito arrumadas. Cada representação

da protagonista reproduz um comportamento lúdico e espontâneo como saltar, correr, agachar-se, sentar-se num degrau, que reforça o sentido de liberdade. Contudo, a ação que mais se repete é observar, seja à janela, a atravessar a rua, ou na garupa do coelho voador. O detalhe do traço, o preenchimento das árvores e do

coelho com o tracejado preto, o uso de aguarela esverdeada que a espaços preenche figuras, e o branco como fundo predominante conferem a este livro uma suavidade delicada, um sentido de leveza etérea. Sem esquecer, todavia, o peso da realidade e o mistério dos segredos que habitam aquela floresta onde às vezes é urgente entrar.

Afonso Cruz Prémio Nacional de Ilustração

Afonso Cruz venceu o Prémio Nacional de Ilustração de 2015, atribuído pela DGLAB, com o livro *Capital*. Esta narrativa, exclusivamente visual, recupera o tópico do monstro que progressivamente ganha poder e domina o mestre, aqui na pele de um porco mealheiro, numa crítica evidente ao capitalismo desumano. A ilustração é geometrizar e a paleta de cores reduzida a laranjas e cinzas. O título integra a coleção de narrativas sem texto da Pato Lógico. A DGLAB atribuiu ainda duas menções honrosas, ambas a livros do Planeta Tangerina: *Lá Fora*, com ilustrações de Bernardo Carvalho e *Com o Tempo*, com ilustrações de Madalena Matoso.

Campanha em Inglaterra É preciso traduzir

Quando se discute a importância da diversidade na literatura infantojuvenil no mundo anglosaxónico, o escritor britânico Frank Cottrell Boyce visitou a Biblioteca Internacional de Munique. Ali viu-se confrontado com o seu desconhecimento sobre autores e obras relevantes para a literatura universal e que nunca foram traduzidas para inglês. Esta consciência despoletou um apelo, feito pelo autor no jornal *The Guardian*, para que se sugerissem clássicos da literatura infantojuvenil de outros países nunca traduzidos para inglês. A campanha está a decorrer no Twitter, através de e-mail e no Facebook. O *The Guardian* compromete-se a atualizar os dados como mecanismo de divulgação junto dos editores.



Revista *Emília* Best Off 2014

A *Emília* acaba de disponibilizar a seleção dos melhores álbuns editados no Brasil durante o ano de 2014. Num documento que pode ser totalmente visualizado na plataforma issu, apresenta-se a equipa e os critérios que nortearam as escolhas, assim como se descreve sumariamente o processo. A seleção está dividida em dois grupos: os arrebatadores, onde Anthony Browne mereceu enorme destaque com quatro títulos entre os nove escolhidos, e os imperdíveis, que conta com a presença de *Vazio*, de Catarina Sobral, *A Contradição Humana*, de Afonso Cruz e *Ir e Vir*, de Isabel Minhós Martins e Bernardo Carvalho. Ainda há espaço para uma reflexão sobre a receção dos leitores a estes livros e para uma lista dos pré-selecionados.



Hábitos leitores Questionário na *Babar*

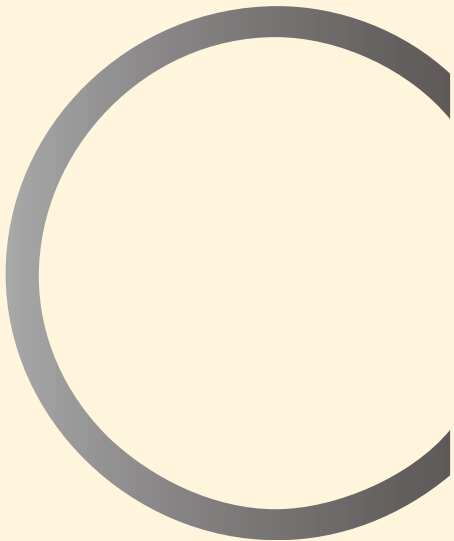
A *Babar* dá a conhecer os resultados de um inquérito feito aos adolescentes entre os 12 e os 16 anos que têm participado, ao longo dos últimos dois anos, no programa Biblioteca Extramuros, da Fundação Germán Sánchez Ruipérez. Temas, suportes, comportamentos, formas de aquisição de livros, relação com a leitura escolar e aplicações são alguns dos tópicos analisados com resultados previsíveis nuns casos e surpreendentes noutros. A leitura enquanto atividade frequente diminui a partir dos 14 anos, o recurso à biblioteca para requisitar livros pelos 13. Há uma tendência preocupante pelas descargas ilegais de livros e um domínio crescente de aplicações e sites de descarga gratuita e legal. Os *bestsellers* mantêm grande adesão e autores como Laura Gallego ou Jordi Sierra e Fabri não veem o seu público diminuir. Os jovens continuam a ler.



saramaguiana

CARLOS REIS,
DIA'LOGOS
COM JOSE'
SARAMAGO

RICARDO VIEL



Carlos Reis, acompanhado de Isabel Cristina Rodrigues, sua mulher e, para o caso, colaboradora, desembarcou hoje em Lanzarote armado de gravador, bloco-notas e benevolência com a ideia de me fazer uma entrevista que terá um livro como destino final», anotou José Saramago no dia 25 de janeiro de 1997 nos seus *Cadernos de Lanzarote (Diário V)*.

Meses depois essa conversa de vários dias transformar-se-ia num livro. Primeiramente publicado pela Editorial Caminho, *Diálogos com José Saramago* ganhou nova edição este ano pelas mãos da Porto Editora. O professor catedrático Carlos Reis contou à *Blimunda* sobre os propósitos desses diálogos, as lembranças que tem daquela visita a Lanzarote e sobre o momento de mudança pelo qual passava José Saramago aquando da conversa que tiveram.

O livro foi uma encomenda ou foi uma ideia sua fazer essa longa entrevista a José Saramago?

O livro foi uma ideia minha, embora deva ser dito que ela não é propriamente original. Existem vários outros casos semelhantes (por exemplo, *Borges en diálogo. Conversaciones de Jorge Luis Borges com Osvaldo Ferrari*, de 1985), que só se tornam possíveis quando um grande escritor se dispõe a explicar o seu pensamento literário perante quem o interpela.



No prólogo o professor diz que essa conversa é muito distinta daquelas que estamos acostumados a ler em revistas/jornais, e classifica-a de «diálogo» e não de entrevista. Desde o princípio tinha em mente que o que iria fazer seria algo mais profundo?

Com o devido respeito, não se tratou de fazer uma entrevista jornalística, género para o qual, aliás, eu não tenho competência nem rotina adquirida. O procedimento do diálogo tem uma longa tradição na cultura ocidental, como é sabido, e aponta para uma questionação que perspetiva questões menos circunstanciais; ao mesmo tempo, o diálogo implica um processo de descoberta em que quem pergunta e quem responde estão (ressalvadas as distâncias, claro) numa posição de maior equilíbrio do que na entrevista convencional. Para que isso fosse possível, contei, evidentemente, com a generosidade do escritor.

Foi fácil convencer Saramago a abrir as portas de casa?

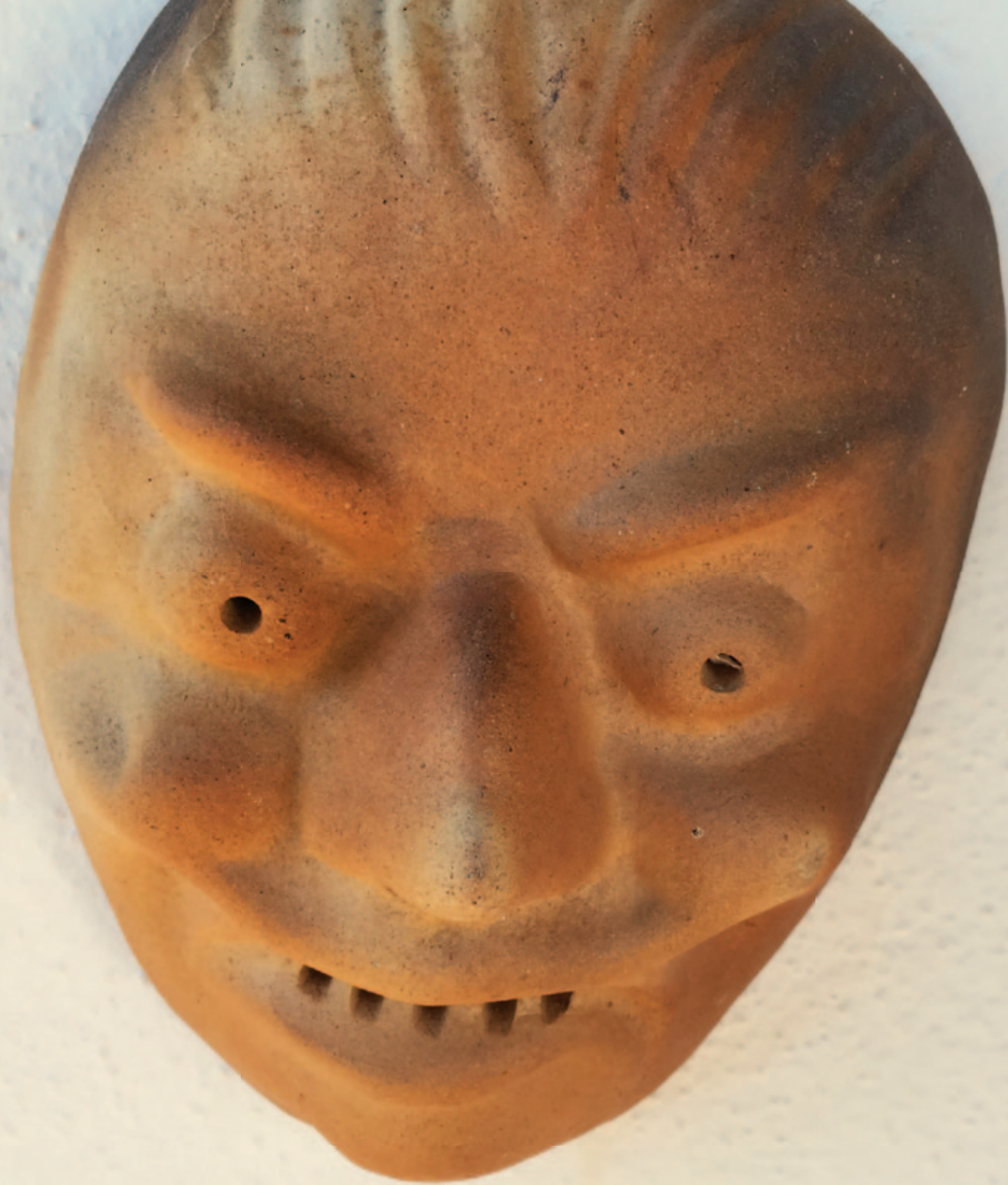
Abrir-me as portas de sua casa foi, da parte de Saramago, apenas uma parte, digamos, material de uma outra abertura, mais ampla e mais «hospitaleira», que consistiu na disponibilidade para se submeter a uma indagação cerrada como a que se pode ler nos *Diálogos*.

É curioso porque José Saramago fala nos *Cadernos de Lanzarote* sobre essa visita e cita os tópicos propostos por si para a conversa, e nota-se que foi seguido à risca. Não teve vontade de sair do guião?

Tive, claro, e admito que isso tenha acontecido em alguns momentos. Mas desde o início o que se pretendeu foi contemplar aspetos específicos do pensamento literário e do trajeto cultural de um escritor com uma projeção considerável. E sendo Saramago alguém que tem, nesses e noutros domínios, muito para dizer, fazia sentido traçar um percurso que, sem excessiva rigidez, permitisse «ler» o que ele pensa sobre o romance e sobre as personagens, sobre a História e sobre o Portugal das últimas décadas, sobre a condição do escritor e sobre a instituição literária, sobre a escrita e sobre a crítica, etc. Olhando agora o resultado atingido nos *Diálogos*, acredito que um estudioso da obra de Saramago encontre neles respostas para muitas questões, sempre tendo-se em conta, evidentemente, que as posições do escritor configuram uma doutrina, mas não devem ser entendidas como uma dogmática.

Como definiria José Saramago enquanto entrevistado? Foi afável? Arredio? Falou mais ou menos do que esperava?

Saramago, como se sabe, nunca se coibiu de dizer o que pensava, por vezes até num tom de provocação que lhe valeu algumas críticas (mesmo minhas) e não poucos gestos de rejeição. E não era parco em palavras, bem pelo contrário. Nesse sentido, foi fácil fazê-lo falar e dizer o que pensava... Afabilidade? Sempre, mas naquele tom austero que algumas pessoas confundiam com frieza. E a par da afabilidade, muita paciência...



Como é para si voltar a este livro depois de tanto tempo? Que sensações lhe provoca? Quais as recordações mais vivas que tem daquela conversa e daqueles dias em Lanzarote?

Mantenho desse encontro de vários dias a lembrança vivíssima de uma privilegiada oportunidade para ouvir e para desafiar um grande escritor, levando-o a formular, digamos, a sua poética e a sua visão do mundo e dos homens. Essa é uma recordação que não se apagará da minha memória. Mas não estivemos todo o tempo a conversar sobre literatura... Calcorreámos uma boa parte da ilha de Lanzarote (não era fácil acompanhar o ritmo do Saramago, por montes e vales...), convivemos com os cães e falámos de tudo e de nada. E almoçámos e jantámos na cozinha, sob a coordenação eficiente de Dona Pilar, que foi (e é) uma anfitriã inexcedível, à boa moda andaluza.

José Saramago que foi entrevistado por si ainda não era Prémio Nobel. Acha que essa entrevista seria possível depois do prémio? Acha que o galardão alterou muito a sua vida?

Que o Prémio Nobel alterou a vida de José Saramago, é certo e sabido e pude testemunhá-lo algumas vezes. Mas o modo de ser de Saramago não mudou substancialmente, descontadas, é claro, as mudanças psicológicas suscitadas por um prémio daqueles e por tudo o mais que lhe está associado. É humano e José Saramago era um ser humano... Mas acredito que, ainda assim, os *Diálogos* seriam possíveis (e certamente mais completos) depois do Nobel. Digo isto por ter conhecido em Saramago uma qualidade que muitos ignoravam nele: a generosidade.

Na nota prévia desta nova edição o professor diz que Saramago antecipa algumas obras que viria a escrever posteriormente. Crê que nessa altura também a transformação da sua escrita (da estátua para a pedra, como ele mesmo definiu) já ia em marcha?

Sem dúvida e fala-se disso nos *Diálogos*. O José Saramago de 1997, quando os *Diálogos* foram gravados, era cada vez mais o escritor «da pedra» e cada vez menos o «da estátua». Era o Saramago que estava em vias de publicar *Todos os Nomes* e que dois anos antes publicara esse extraordinário romance que é *Ensaio sobre a Cegueira*. Quem conhece a obra saramaguiana sabe bem o crucial lugar que estes títulos nela ocupam.

Há alguma pergunta que gostava de ter feito a José Saramago e que, por timidez ou esquecimento ou falta de oportunidade, não fez? Se sim, qual?

Que eu me recorde, não. Hoje haveria outras mais a fazer, sem dúvida. Mas agora é tarde... Temos, contudo, os livros de Saramago para responderem ao que nos falta conhecer. E esses são testemunhos insuperáveis.



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



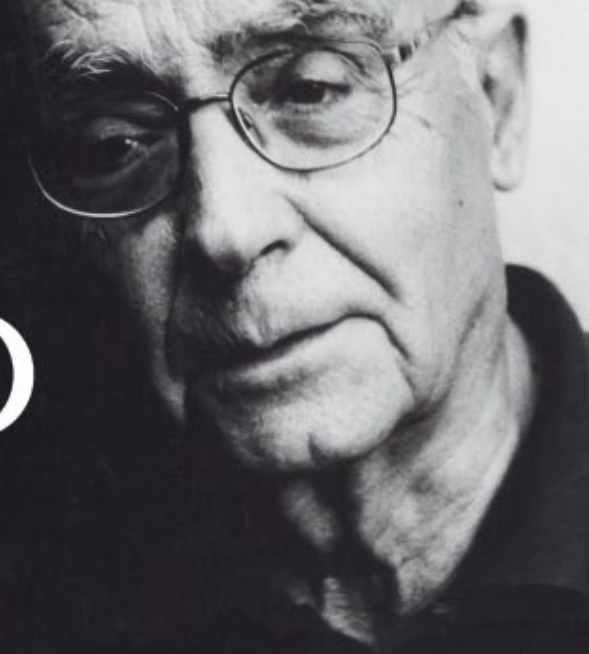
Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



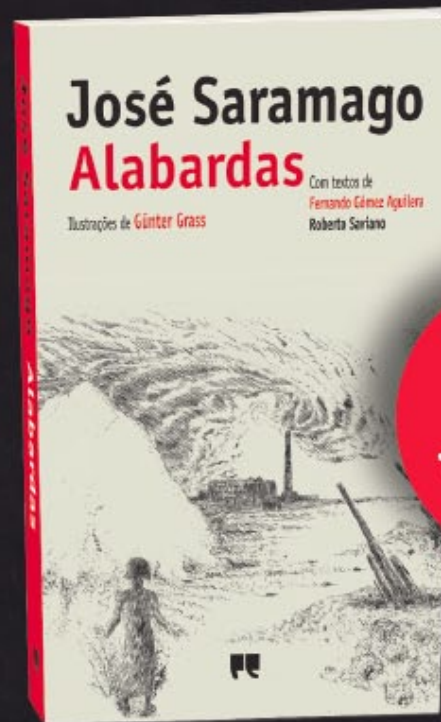
Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**
Uma última viagem na sua
permanente vocação
para agitar consciências.



**LIVRO
INÉDITO**

 **Porto
Editora**
70ANOS a abrir horizontes

 **Fundação
José Saramago**

Que boas estrelas

estarão cobrindo

os céus de Lanzarote?

José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*

**A Casa
José Saramago**

**Aberta de segunda a sábado,
das 10 às 14h.**

Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.

Última visita a las 13h30 h.

**Open from monday to saturday,
from 10 am to 14 pm.**

Last entrance at 13.30 pm.

**Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias,
Islas Canarias, Canary Islands**

www.acasajosesaramago.com



A G O S T O

**Até
29 ago**

**A Arte da
Ilustração
em Macau e
Portugal**

Exposição coletiva
de trabalhos
assinados por
ilustradores
contemporâneos
de Portugal e de
Macau.
Galeria Dama Aflita,
Porto.



**Até
5 set**

A Sala de Ruth

Exposição
comemorativa
dos trinta anos da
Casa das Artes,
reúne trabalhos
de trinta artistas
portugueses
contemporâneos.
Casa das Artes,
Tavira.



**Até
13 set**

**Zurbarán: Una
nueva mirada**

Exposição
retrospectiva do
pintor Francisco
de Zurbarán, nome
central das artes
do «Siglo de Oro»
espanhol.
Museo Thyssen-
Bornemsysza,
Madrid. Até 13 de
setembro.



**Até
26 set**

Quarto Interior

Exposição de
trabalhos de banda
desenhada de
Francisco Sousa
Lobo.
Bedeteca/
Biblioteca Municipal
Fernando Piteira
Santos, Amadora.



**Até
18 out**

**19è FotoPRes
«la Caixa»:**

**certamen
d'imatge
documental**
Fotógrafos
que trabalham
nos territórios
complexos do
documentário, do
foto-jornalismo
e do registo da
realidade.
Caixa Forum,
Barcelona.



A
G
O
S
T
O

Até
26 out

**Lourdes Castro:
Todos os livros**

Quarenta livros de
artista feitos por
Lourdes Castro
entre os anos 50 do
século passado e os
nossos dias, alguns
deles expostos pela
primeira vez.

Fundação Calouste
Gulbenkian, Lisboa.



Até
30 out

**Rio de Janeiro
450 Anos –
Uma história do
futuro**

Exposição
documental
que reúne
fotografias, mapas
e documentos
vários sobre as
transformações
sofridas pelo Rio
de Janeiro ao longo
dos anos.
Biblioteca Nacional,
Rio de Janeiro.



Até
1 nov

**Basquiat:
Ahora es el
momento**

Uma centena de
pinturas e desenhos
de Jean-Michel
Basquiat,
percorrendo os
principais temas
do seu percurso
artístico.

Museo
Guggenheim,
Bilbao.



24 e
31 ago

**Conferencia
Sobre la Lluvia**

«La literatura
es un lugar en
el que llueve» é
uma das frases
deste espetáculo
em torno de um
bibliotecário, com
texto de Juan
Villorio, levado
ao palco pela
Compañía Nacional
de Teatro.

El Colegio Nacional,
México DF.



10 a
13 set

**Todos –
Caminhada
de Culturas**

Sétima edição do
festival lisboeta que
reúne participantes
de diferentes
culturas e pontos
do mundo. Música,
artes performativas,
gastronomia,
cultura.

Vários locais,
Lisboa.



Blimunda, Número especial

anual / 2014, em papel.

disponível nas livrarias

portuguesas.

Encomendas através do site

loja.josesaramago.org

